

Prospectiva (Frutal-MG).

Um estudo sobre as práticas de ensino de ciências em uma escola do campo do município de Piraúba-MG.

Patrícia Costa Pereira de Souza.

Cita:

Patrícia Costa Pereira de Souza (2016). *Um estudo sobre as práticas de ensino de ciências em uma escola do campo do município de Piraúba-MG*. Frutal-MG: Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/editora.prospectiva.oficial/41>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pVe9/g37>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Patrícia Costa Pereira de Souza



**Um estudo sobre as práticas de ensino
de ciências em uma escola do campo
do município de Piraúba-MG**



Patrícia Costa Pereira de Souza

Um estudo sobre as práticas de ensino de ciências em
uma escola do campo do município de Piraúba-MG

Frutal-MG
Editora Prospectiva
2016

Copyright 2016 by Patrícia Costa Pereira de Souza

Capa: Jéssica Caetano

Foto de capa: internet

Revisão: A autora

Edição: Editora Prospectiva

Editor: Otávio Luiz Machado

Assistente de edição: Jéssica Caetano

Conselho Editorial: Antenor Rodrigues Barbosa Jr, Flávio Ribeiro da Costa, Otávio Luiz Machado e Rodrigo Portari.

Contato da editora: editorapropectiva@gmail.com

Página: <https://www.facebook.com/editorapropectiva/>

Telefone: (34) 99777-3102

Correspondência: Caixa Postal 25 – 38200-000 Frutal-MG

SOUSA, Patricia Costa Pereira de.

Um estudo sobre as práticas de ensino de ciências em uma escola do campo do município de Piraúba-MG. Frutal: Prospectiva, 2016.

ISBN: 978-85-5864-026-8

1. Cultura camponesa. 2. Educação do campo. 3. Saber científico.
I. Sousa, Patricia Costa Pereira de. II. Universidade do Estado de Minas Gerais. III. Título.

A Deus, aos meus familiares e aos meus
amigos, com todo carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter iluminado meu caminho, ao meu marido Mário Jr. por estar sempre me incentivando a prosseguir, aos meus pais Adauto e Aparecida, meu sogro Mário, minha sogra Lurdinha e a Mirandinha que me ajudaram quando precisei.

A minha orientadora Aline, que me instruiu para realizar este trabalho da melhor maneira possível. A E.E. Aurélio Bento Salgado que me deu possibilidade de realizar a pesquisa, especialmente: a Rosângela, ao Jeferson, Ana Maria e Lucinha que me passaram as informações que precisei com relação à escola.

A professora Kelly e ao professor Christiano por terem aceitado o convite de participar da minha banca de TCC.

A todos os familiares, amigos e todos que de alguma forma contribuíram para esta conquista.
Muito Obrigada!

SUMÁRIO

NOTA DO EDITOR.....	8
1. INTRODUÇÃO.....	9
2. OBJETIVOS.....	14
2.1. Objetivo Geral.....	14
2.2. Objetivos Específicos.....	14
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	15
3.1. Educação Rural X Educação do Campo.....	15
3.2. Contextualizando a Educação do Campo.....	17
3.3. O Debate Sobre o Ensino de Ciências.....	23
3.3.1. O Ensino de Ciências nas Escolas do Campo.....	28
4. MATERIAL E MÉTODOS.....	43
4.1. A Inserção do Pesquisador no Trabalho de Campo.....	49
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	54
5.1. Escola Estadual Aurélio Bento Salgado: características, proposta curricular e experiências em desenvolvimento.....	54
5.2. Concepções de Educação do Campo em Cena.....	72
5.3. Apresentação e Análise das Práticas e do Discurso da Professora Sobre o Ensino de Ciências.....	80

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102
ANEXOS.....	106

NOTA DO EDITOR

Uma produção acadêmica de interesse da sociedade com enorme potencial de esclarecimento de questões do campo educacional faz parte do trabalho de Patrícia Costa Pereira de Souza.

Como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Ubá, também contou com a orientação da Professora Aline Aparecida Ângelo.

A versão original impressa poderá ser consultada na Biblioteca da Unidade de Ubá. Nossa alegria é imensa por contar com a autora no trabalho de popularização da ciência e da divulgação científica. Quando nos permitiu publicar o trabalho para torná-lo acessível para consulta gratuitamente na *internet* contribuiu para a ampliação da cultura do acesso livre ao conhecimento e da transparência das atividades universitárias.

Professor Otávio Luiz Machado
Editora Prospectiva

1 INTRODUÇÃO

Na década de 90 houve diversas manifestações sociais e sindicais, reivindicando políticas públicas e ampliação dos direitos educacionais à população. É nesse contexto que a educação do campo emerge como uma pauta de luta dos movimentos sociais camponeses, em especial a partir do I Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), realizado em 1997, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e outras instituições (OLIVEIRA, 2012, p. 239 e 240).

A partir desse encontro surge o movimento da educação do campo, visando ampliar oportunidades e lutar por direitos a educação dos povos do campo. Em seu projeto educativo, o movimento assume ser preciso a relação com a cultura, valores, jeito de produzir, formação para o trabalho e para a participação social dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura, que têm implicações num projeto de sociedade. Os sujeitos envolvidos nesse movimento são trabalhadores do campo e suas organizações (CALDART, 2012, p.259).

A intensa participação dos camponeses organizados no cenário educacional, cultural e político do Brasil contribuíram para ocorrer os processos de educação voltados para o sujeito do campo a níveis de: governo, agências internacionais, movimentos sociais, e cursos de formação e pesquisas desenvolvidos em Instituições de Ensino Superior. Muitos educadores se reúnem para debater e estudar a fim de refazerem novas práticas educacionais de escolas do campo, as quais são constituídas por sujeitos de diferentes culturas, pertencentes a grupos como: família agrícola, assentamentos, acampamentos do Movimento Sem Terra, reassentamentos do Movimento dos Atingidos pelas Barragens, quilombolas e indígenas (ARROYO, 2005, p.7,8 e 9).

Contudo o Movimento da Educação do Campo insiste na luta por maiores incentivos de esfera federal, estadual e municipal para garantir o direito à educação para crianças, adolescentes, jovens e adultos que trabalham e vivem no campo. Essas lutas encadeadas pelo MST e outras entidades ligadas ao campo conquistaram no âmbito das políticas públicas alguns projetos em favor das escolas do campo. Entre os projetos de leis implementados referentes para a Educação do Campo estão: PRONERA - Programa

Nacional de Educação na Reforma Agrária (1998); DOEBEC - Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (2002); PROCAMPO - Programa de Apoio a Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (2007), e o PRONACAMPO - Programa Nacional de Educação do Campo (2012) que se refere a um programa para incentivar a criação de diversos projetos na educação do campo.

Nessa proposta de pesquisa, enfatizamos uma análise sobre as concepções de educação do campo que circulam em uma escola e o debate acerca do ensino de ciências nesta escola, pois consideramos essa área pertinente para o desenvolvimento de um ensino contextualizado nas escolas do campo. No processo de ensino-aprendizagem com foco na construção do saber do aluno, este tem a possibilidade de trazer seus conhecimentos prévios aprendidos com os familiares e compartilha-los com os colegas de classe, conforme as orientações do professor. A partir deste diálogo com o modo de vida camponês, a ciência surgiria com o propósito de fundamentar e comprovar cientificamente os fatos analisados (BRITTO; RODRIGUES, 2010 apud CARVALHO et. al, 2014, p.210).

O cenário da escola do campo constitui um lugar ideal para o desenvolvimento de diversas práticas dialógicas com o conteúdo de ciências. Todavia, o histórico da educação rural no Brasil nos mostra uma série de dificuldades quanto à estrutura das escolas, formação de professores, de acesso à escola por parte dos alunos e de um currículo urbanocêntrico e desvinculado com a realidade do campo. Com isso, podemos inferir que o ensino nessas escolas também não proporciona essas competências científicas para os alunos. Entendemos que os sujeitos do campo carecem de uma formação que valorize sua cultura, que foi construída informalmente no seu cotidiano e que é importante para a sua vida como camponeses (KOLLING et. al., 1999; SILVA, 2003).

Sendo assim, essa pesquisa tem como foco conhecer como/se ocorre a inserção do debate da Educação do Campo na Escola Estadual Aurélio Bento Salgado, localizada em Piraúba, cidade próxima a Ubá-MG; além de observar e analisar o ensino de ciências nessa escola, através de estudos, pesquisas e coleta de dados. Com isso, propomos compreender, com um estudo de caso, a problemática educacional das escolas do campo de Minas Gerais, em especial no que tange o ensino de Ciências.

Seguimos os princípios da pesquisa qualitativa. Os instrumentos de coleta de dados são: análise dos documentos da escola para conhecer sua história; entrevistas com a gestão, equipe pedagógica e professora de Ciências e observação de algumas aulas de Ciências.

A partir da análise do Regimento Escolar e do PPP foi possível identificar a história da escola, seu funcionamento, cultura, características e organização pedagógica. As entrevistas mostraram o comprometimento da diretora, supervisor e da professora de ciências com o trabalho desenvolvido na escola rural.

Os dados obtidos, através das entrevistas e observações da escola, nos mostram que apesar dos desafios enfrentados pela instituição para a permanência da escola no campo, há muita harmonia e empenho de seus profissionais para obter bom nível educacional, de acordo com o cotidiano do campo, observados através das aulas práticas de ciências. Observamos ainda, que os sujeitos envolvidos estão num processo de aproximação do movimento da educação do campo, porém com alguns limites na sua compreensão, pois nos discursos ainda há certa confusão conceitual entre educação rural e educação do campo.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender as práticas pedagógicas de uma escola do campo em relação ao ensino de ciências e os saberes camponeses.

2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar a escola em que o estudo será desenvolvido;
- Analisar como a professora de ciências da Escola do Campo articula os saberes da cultura camponesa na sua prática docente;
- Analisar o discurso da escola e professores sobre a concepção de educação do campo;
- Relacionar a perspectiva teórica da educação do campo com os dados da prática realizada no cotidiano da escola.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Educação Rural X Educação do Campo

A Educação Rural é voltada para a população agrícola, que são os trabalhadores rurais que trabalham no campo e tiram dele o seu sustento (PETTY et. al, 1981, p.33 aput RIBEIRO, 2012, p.295).

Segundo Marlene Ribeiro, 2010, aput Caldart et.al, 2012, p. 295 o ensino nessas escolas é igual ao das escolas urbanas, ou seja, descontextualizado com a realidade de vida da população rural.

Essa reprodução do ensino de escolas urbanas no meio rural demonstra que há um descaso quanto a vivência, cultura e saberes camponeses, como se esse modo de vida fosse inferior (KOLLING et. al., 1999). Além de desmotivar os alunos das regiões rurais a continuar os estudos e a trabalhar no campo, dessa maneira contribuindo para que muitos acabem mudando para as cidades (CALAZANS, 1993).

Na I Conferência de Maio de 1998 houve algumas discussões a nível estadual sobre o que seria a Educação Rural no Brasil (CALDART, 2012, p.260). E para Kolling et. al, 1999, p.26 aput Caldart et. al, 2012, p. 260:

Utilizar se- á a expressão campo, e não a mais usual, meio rural, com o objetivo de incluir no processo da conferência uma reflexão sobre o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência desse trabalho. Mas, quando se discutir a Educação do Campo, se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados a vida e ao trabalho rural. Embora com essa preocupação mais ampla, há uma preocupação especial com o resgate do conceito de camponês. Um conceito histórico e político...

A Educação do Campo emergiu a partir das lutas pelos direitos dos povos do campo, organizadas pelos movimentos sociais e sindicais, que objetivam construir uma nova Educação Rural. Diante dessa proposta, o termo campo não foi por acaso, mas teve a intensão de romper com a tradicional visão de Educação Rural e implantar uma outra concepção de Educação do Campo, que priorize o camponês e que

tenha como característica o campo como espaço social de identidade própria e práticas compartilhadas pela comunidade (FERNANDES, 1999).

3.2 Contextualizando a Educação do Campo

A educação do campo surgiu em 1997, a partir do I Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e outras instituições. Em seu projeto educativo, o movimento assume ser preciso a relação com a cultura, valores, jeito de produzir, formação para o trabalho e para a participação social dos camponeses.

A Educação do Campo alcançou algumas conquistas de cunho legal, uma delas são as Diretrizes Operacionais da Educação Básica no Campo (DOEBEC) – nº 1 de 2002 e nº 2 de 2008. Outra foi o Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO), em 2010, que objetiva a obtenção de amparos técnicos e financeiros aos Estados, Municípios e Distrito Federal para a implementação da política de educação do campo.

Nas Diretrizes (DOEBEC, p. 1, 2002) está previsto que:

Art. 5º As propostas pedagógicas das escolas do campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade e cumprindo imediata e plenamente o estabelecido nos artigos 23, 26 e 28 da Lei 9.394, de 1996, contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia.

O Decreto 7.352, de 4 de novembro de 2010, discorre sobre a política de educação do campo e do PRONERA. E traz conceitos sobre a população camponesa, a escola do campo e a formação do educador do campo. Entre os princípios apresentados, o documento prevê no Art. 2º para a escola do campo:

I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;

II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o

desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;

IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas (BRASIL, p. 1, 2010)

O Decreto vem como instrumento de legitimação das reivindicações feitas pelo Movimento da Educação do Campo, que busca a valorização do modo de vida camponês. Essas demandas solicitadas pelo Movimento ocorrem visando a trajetória da população camponesa, o direito à educação para esses sujeitos e o cumprimento de ações da escola rural com a realidade de vida do povo camponês.

Segundo ARROYO et. al (2005, p.52 e 53):

A escola pode ser parte importante das estratégias de desenvolvimento rural, mas para isto precisa desenvolver um projeto educativo contextualizado, que trabalhe a produção do conhecimento a partir de questões relevantes para intervenção social nesta realidade.

Porém, muitas vezes, nos deparamos com uma educação do campo que não se relaciona com a vida dos alunos e de seus familiares, nem com o trabalho agrícola e com o meio ambiente onde a escola se encontra. Essas escolas, assim são, pois, ao longo de sua história, não adquiriram uma tradição em trabalhar de forma dialógica com a comunidade e o contexto social em que o estudante está envolvido. Assim, percebe-se a ausência de conhecimento, interesse, respeito, e valorização da cultura das famílias e comunidade onde a escola está inserida. Os pais dos alunos ficam de fora do processo educacional e ignoram-se as aprendizagens que as crianças trazem para a escola (BAPTISTA, 2003, p.21).

Esses são alguns problemas existentes na escola do campo que devem ser revisados, já que no processo de ensino aprendizagem a contextualização é fundamental para direcionar as práticas

pedagógicas a serem utilizadas. Em outra perspectiva:

O Movimento da Educação do Campo põe em questão o abandono das escolas rurais pelo Estado. A partir de suas práticas e suas lutas, vai construindo, simultaneamente ao seu desenvolvimento, uma nova concepção de escola. O movimento desencadeado pelos sujeitos coletivos de direito do campo interroga a tradicional escola rural na sua forma de ensinar, de lidar com o conhecimento, de tratar as relações sociais que dentro dela ocorrem, de recusar vínculos com a comunidade que está ao seu redor (MOLINA; FREITAS, 2011, p.20).

Segundo Molina e Freitas (2011) um aspecto central da escola do campo é vincular os saberes os quais o educando possui, que foi construído mediante o seu trabalho no campo com a cultura e conhecimentos científicos de diferentes segmentos. A partir de então, emerge a possibilidade de ampliar a formação, que havia sofrido fragmentação pela influência do capitalismo nas instituições escolares. Essas articulações contribuem para a formação de um

pensamento crítico, o qual relaciona a história dos diferentes conteúdos científicos imbricados ao contexto social que está inserido.

Para atuar de acordo com os princípios da Educação do Campo é necessário que o educador passe por uma preparação e formação específica. Uma das possibilidades para essa formação são os cursos de Pedagogia da Terra, efetuados pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), que oferece cursos que objetivam promover uma educação de qualidade nas áreas de Reforma Agrária. Outro avanço obtido pelo Movimento foi o Programa de Apoio as Licenciaturas em Educação do Campo (Procampo), que é uma política específica, que visa formar educadores do campo. A perspectiva para o perfil do professor é que ele seja capaz de atuar na escola e também na comunidade. Sua habilitação se dá por área de conhecimento para trabalhar no ensino básico, mantendo relação com a capacitação para a gestão das atividades escolares e das ações das comunidades ligadas a educação (MOLINA; FREITAS, 2011,p.27).

3.3 O Debate Sobre o Ensino de Ciências

Como essa pesquisa busca compreender como ocorre a prática de ensino de ciências em uma escola do campo torna-se necessário discutir teoricamente como concebemos o ensino de ciências.

No Brasil, os conhecimentos biológicos surgiram em uma época de exploração e colonização do nosso país, marcado pelos conceitos de higiene racial e uma falta de clareza sobre as diversas áreas de etnia, raça, gênero, sexualidade e de classes o que permeiam até os dias atuais no ensino (BRITTO; RODRIGUES,2014,p.207).

Quando os europeus chegaram no Brasil em 1500, estes fizeram suas viagens e descreveram as paisagens do nosso continente com a finalidade de conhecer e explorar a fauna e flora do país. Além disso, as Ciências Biológicas já estava presente na vida dos índios em meio a natureza. Esses saberes foram estudados a partir de pesquisas de orientação cartesiana, o que era muito importante para a ocorrência da civilização e modernização da nação em sintonia com as teorias europeias e dos Estados Unidos (BRITO, 2010).

A síntese desses conhecimentos muitas vezes apagou a contribuição e os saberes que os indígenas

já possuíam sobre a natureza e seu modo de se relacionar com ela, por meio da agricultura, plantações, colheita, artesanato, pesca, caça, saberes sobre plantas medicinais, dentre outros que fazem parte de sua cultura (idem).

Segundo Britto (2010) o Brasil colônia foi estudado no aspecto biológico, integrado a Medicina e a Historia Natural, com a finalidade de suprir algumas situações relacionadas a tratamentos e curas de doenças desconhecidas naquele momento. E a partir de então, estudou-se sobre os ciclos e venenos de animais e de algumas plantas; a taxonomia e a evolução dos seres vivos, anatomia comparando as diversas etnias, que eram classificados de acordo com a concepção de biologia de Charles Darwin.

Nos séculos XIX e XX em todo o ocidente, em especial no Brasil houve diversas mudanças de origem social, política e econômica. Nesse contexto, no século XX a exploração da natureza foi legalizada para atender as necessidades da industrialização e da sociedade moderna embasada no progresso científico e tecnológico. É relevante ressaltar que essa tendência acabou influenciando o Ensino de Biologia no Brasil, pautada no desenvolvimento de uma ciência ocidental e de predomínio masculino, o que contribuiu para que ocorresse o aumento das

desigualdades relacionadas ao gênero na sociedade (BRITTO; RODRIGUES, 2014, p.208).

No século XX o ensino de Ciências era fundamentado nas Ciências Naturais e suas áreas de ensino, com o objetivo de obter um entendimento do ser humano e sua relação com a natureza e o meio onde vivem.

Em relação ao ensino, a atividade de investigação é uma metodologia que pode ser utilizada nas aulas de Ciências, seu processo inicia com a investigação daquilo que está presente em nosso cotidiano. A partir do que o aluno já conhece no seu dia-a-dia, o professor vai explorando e completando com o que é novidade para ele, mas sempre remetendo e valorizando seus conhecimentos prévios, frisando que o que eles estão aprendendo é complemento do que eles já sabem. Esse tipo de aula requer uma dedicação especial por parte do professor, que deve estar preparado, com segurança no conteúdo e ter um planejamento da aula, prevendo o que pode suceder, como tipo de perguntas que podem ser feitas, dúvidas, para saber conduzir bem a aula. É importante também que o educador faça testes antes da aula para ver se realmente a experiência vai dar certo. Com esses cuidados o procedimento da aula terá ótimos resultados, abrindo

espaço para uma maior participação dos alunos e desenvolvimento de muitas habilidades (FURMAN, 2009).

Sendo assim, podemos entender que o ensino de ciências por investigação consiste em nos aprofundarmos nos assuntos, buscando respostas para as perguntas que nos surgem em nosso dia-a-dia. Essa metodologia ajuda a estimular a criatividade do aluno e requer um maior empenho do professor para proporcionar bons resultados na dinâmica da aula sugerida.

Considerando o potencial do ensino de ciências em travar um diálogo com a realidade de vida, os saberes e fazeres cotidianos do discente, Furman (2009, p.5) afirma que:

Existe um consenso em relação à produção didática da ciência sobre a necessidade de os alunos aprenderem a resolver problemas, analisar informações, tomar decisões, o que significa desenvolver competências que possam prepará-los para a vida. Os especialistas concordam, também, que as ciências são um campo privilegiado para o desenvolvimento dessas competências e conhecimentos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências Naturais para o ensino Fundamental (1998, p.28) afirmam que:

Por meio de temas de trabalho, o processo de ensino e aprendizagem na área de Ciências Naturais pode ser desenvolvido dentro de contextos social e culturalmente relevantes, que potencializam a aprendizagem significativa. Os temas devem ser flexíveis o suficiente para abrigar a curiosidade e as dúvidas dos estudantes, proporcionando a sistematização dos diferentes conteúdos e seu desenvolvimento histórico, conforme as características e necessidades das classes de alunos, nos diferentes ciclos.

Sendo assim podemos entender que o Ensino de Ciências será construído no cotidiano do aluno, ou seja, ele vai se sentir motivado para aprender sobre os diversos fenômenos da vida que são abordados na matéria de ciências e conseguir relacionar os conhecimentos teóricos com a prática. Ele vai se entusiasmar de saber que as Ciências poderá o ajudar a resolver problemas do seu dia-a-dia e vai tirar

muitas dúvidas sobre sua vida e o ambiente que o cerca (FURMAN, 2009, p.5).

3.3.1 O Ensino de Ciências nas Escolas do Campo

Quem seria o aluno-padrão brasileiro? Um menino branco, de classe média, vivendo no centro de uma grande cidade? Ou uma menina negra, sobrevivendo na periferia urbana? Quem sabe descendentes de japoneses vivendo em lavouras no interior do Paraná, ou filhos de agricultores sem-terra do Pará? E qual seria a “idade escolar” destes diferentes grupos citados aqui? Seriam todos crianças? (OLIVEIRA, 1999, p.10, apud BRITTO; RODRIGUES, 2014, p.203).

Essas perguntas nos levam a refletir sobre os diversos povos para quem o ensino, de uma forma geral, e o ensino de Ciências da Natureza é destinado. Essa diversidade acaba se tornando um grande desafio para a prática pedagógica de professores que atua em diferentes contextos, com diferentes sujeitos. Este desafio também está proposto para a produção de livros didáticos que considere as realidades dessa diversidade de sujeitos,

pois o Plano Nacional do Livro Didático prevê a elaboração de livros contextualizados com alguns grupos sociais, tais como Conselho dos Secretários Estaduais de Educação (CONSED), Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra (MST), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB), Rede do Semiárido Brasileiro (RESAB), Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (FETRAF), Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (CONTAG) e a União dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME).

A discussão que será feita nesse item se refere ao ensino de ciências e a educação do campo, que se dará por dois vieses: o ensino de ciências inserido no debate da diversidade e o que resultados de pesquisa sobre o livro didático do campo tem apontado como problemática da inserção dessa área de conhecimento em escolas do campo.

A partir de estudos realizados sobre livros didáticos para escolas do campo e sobre como esses livros trazem o conteúdo de Ciências Naturais, foi identificado os seguintes conteúdos:

História da produção de conhecimentos da Biologia; concepção de ciência positivista

embasada pela racionalidade e a transposição e aplicabilidade do método científico; o desenvolvimento centrado no endeuamento da ciência e tecnologia, os quais são vistos como molas propulsoras de progresso; a ênfase na taxonomia e a evolução dos seres vivos e, por sua vez a descrição fragmentada das paisagens, da fauna e flora do Brasil, e do caráter utilitário dos seres vivos (antropocentrismo); estudos biológicos associados ao tratamento e cura de doenças, por sua vez a preocupação sobre o desenvolvimento humano e sua interação com o meio e a abordagem dos ciclos de animais e plantas venenosas malélicas a espécie humana; o legado eugênico e higienista enfatizado pelas noções de higiene e doença e o mascaramento da diversidade e desigualdades socioeconômicas e culturais, sob influencia do darwinismo social, principalmente nos estudos anatômicos comparativos e classificatórios das diferentes etnias (BRITTO; RODRIGUES, 2014, p. 218).

Podemos observar a complexidade do Ensino de Ciências e que ele se torna ainda mais complexo

quando falamos de diversidades culturais, regionais e econômicas. Pois se analisarmos o campo com suas características ele nos mostrará uma forma de ensinar a Biologia e as Ciências de forma diferente do que em outra região. E mesmo no campo, há diferenças de uma área para outra, que não pode negar sua história, contexto cultural, relação com o trabalho e o modo de vida de sua comunidade. Uma das estratégias de se trabalhar o ensino de ciências nas escolas do campo seria propondo aos alunos trabalhos e pesquisas que os levassem a indagar seus familiares sobre as técnicas de trabalho na agricultura, bem como diversos assuntos relacionados à natureza e ao meio ambiente. Ao final dessa atividade, os alunos podem compartilhar os conhecimentos adquiridos com os colegas de classe, além de trocar ideias uns com os outros. O professor complementaria a tarefa trabalhando as ciências em cima desses conhecimentos, acrescentando os termos científicos que lhe couber. Essa poderia ser uma forma de mostrar aos alunos a importância de aprender ciências para suas vidas e leva-los a compreensão de que a educação não se limita às paredes da escola, mas que eles possam entender que tudo que aprendem há um valor e que conhecimento

permite a possibilidade do ser humano se desenvolver (BRITTO; RODRIGUES, 2014, p.220).

Em se tratando do ensino de ciências nas escolas do campo, é possível perceber o quanto é viável lecionar a matéria, a partir de toda a vivência camponesa, desde o ensino infantil até a Universidade. Uma vez que os povos do campo possuem muitos conhecimentos populares que se enquadram na disciplina de ciências, como: tratamento e irrigação da água, técnicas agrícolas que envolvem o manejo do solo, plantas medicinais, hortas, paisagismo, fruticultura, meio ambiente, biodiversidade, interações entre os seres vivos, entre outros saberes que estão presentes na vida dos moradores rurais (TAVARES; SILVA, 2014, p.241).

O campo é um ambiente ideal de haver uma educação contextualizada, em que alunos e professores se comuniquem e troquem experiências diversas relacionadas à ciência da natureza. Por isso, torna-se relevante desenvolver pesquisas a fim de compreender como os professores da área de ciências desenvolvem estratégias pedagógicas visando abordar o potencial que as ciências possuem para um ensino dialógico e contextualizado com os conhecimentos e a cultura camponesa.

Desenvolver pesquisas sobre esse aspecto contribui tanto para uma futura intervenção da universidade, através da extensão universitária na área de ensino de ciências em escolas do campo, como também para promover o debate nas instituições de formação de professores em licenciatura em Biologia, ou de Ciências da Natureza, sobre a educação do campo e o ensino de ciências em escolas do campo.

Pesquisas recentes têm abordado sobre a produção de livros didáticos para o campo¹. Essas pesquisas verificaram a grande influência que o tema da higiene tem nos livros de Biologia e Ciências, especialmente nas matérias relacionadas à saúde, que são realizadas para determinado ambiente, ou seja, há um equívoco, pois a realidade dos povos do campo é bastante distinta, conseqüentemente suas condições de vida e cuidado com a saúde também são. Ressalta-se que há uma controvérsia nos livros, já que não são elaborados de acordo com a realidade do povo camponês, nem com as diretrizes e programas

¹ O PNLD Campo 2013 foi desenvolvido especificamente para as escolas do campo. No ano de 2011 houve a inscrição de LD pelas editoras. Em 2012, ocorreram a análise pedagógica e técnica dos materiais, a publicação do Guia do Livro Didático e a escolha dos livros pelos professores. E em 2013 os materiais escolhidos foram distribuídos e recebidos para/pelas escolas.

curriculares oficiais. Há também nos materiais didáticos muitos estereótipos e mitos sobre os saberes de ciências, tecnologias, saúde, o ser humano, e outras definições do Ensino de Ciências Naturais (BRITTO; RODRIGUES,2014, p.219).

Britto e Rodrigues (2014) relatam que apesar disso, o livro didático deve ser usado nas aulas, pois o Programa Nacional do Livro Didático e o PNLD Campo tem sido desenvolvido regularmente e ele pode até mesmo contribuir para compensar lacunas na formação do docente. A necessidade que precisa ser suprida é que os livros sejam mais direcionados ao contexto do campo.

Contudo nessas avaliações nos livros didáticos de Ciências verificou-se sintonia com as propostas de conteúdo dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências (BRASIL, 1997). Porém há alguns problemas relacionados às formas que o conteúdo é colocado, pois existe pouco aprofundamento sobre as justificativas dos fenômenos, o que impede o aluno de ir mais além e entender o conteúdo dentro do contexto que está inserido (TAVARES; SILVA,2014).

Para exemplificar esse assunto usamos uma citação da pesquisa de Tavares e Silva:

Uma seção de um dos livros que trata do tema “Animais”. Nesta seção aparece uma atividade que é para os estudantes realizarem uma entrevista com alguém que crie animais e o manual do professor traz como sugestão de que seja realizada uma visita a um local onde se criam animais. O manual ainda solicita ao professor que verifique com a direção da escola a possibilidade de visitar com os estudantes um local onde se criam animais. Para isso, sugere que o professor pesquise com antecedência as criações existentes no município onde a escola se localiza. A orientação para o professor mostra claramente que o espaço privilegiado é o urbano, pois é possível notar que não há qualquer consideração sobre o campo, em que a criação dos animais seja considerada uma atividade importante e cotidiana nesse contexto. Em outra seção que trata do tema “Solo”, além de não verificar nenhum diálogo com o campo, é possível perceber um distanciamento em um tema de importância fundamental para as populações do campo. Em outro livro o cultivo do solo é retratado apenas em um campo de grandes propriedades (2014, p.238).

É notório que o contexto do campo não é contemplado satisfatoriamente nos conteúdos dos livros. Além disso, observa-se também a separação das ciências em disciplinas de física, química e biologia. Onde os temas não são trabalhados mostrando a interdependência e relação que existe há todo momento, ou seja, o aluno não tem um ensino que o ajude a assimilar os conteúdos de forma dialógica, pois o método utilizado traz o ensino fragmentado em disciplinas.

Contraopondo-se a esse modelo, o movimento da Educação do Campo busca trabalhar o ensino, assim como os conteúdos de Ciências Naturais por área de conhecimento e não por uma formação meramente disciplinar. Conforme Molina e Freitas:

Há que se destacar a intencionalidade maior da formação por área de conhecimento de contribuir com a construção de processos capazes de desencadear mudanças na lógica de utilização, e principalmente, de produção do conhecimento no campo. A ruptura com as tradicionais visões fragmentadas do processo de produção do conhecimento, com a disciplinarização da complexa realidade

socioeconômica do meio rural na atualidade, é um dos desafios postos a educação do Campo (2011, p. 28).

Para que isso ocorra é necessário que os professores do campo sejam pessoas inseridas na comunidade, que saibam sobre as lutas da população e que lute por esta causa, na busca por melhoria da qualidade de ensino e valorização da cultura local. Diante disso o Movimento da Educação do Campo alcançou uma conquista que foi o Programa de Apoio as Licenciaturas em Educação do Campo (Procampo) que tem o objetivo de formar os educadores para atuar na escola do campo e também na comunidade. E um dos principais desafios enfrentados pela Licenciatura em Educação do Campo é promover a ruptura com o sistema tradicional de ensino, que traz as disciplinas separadas, substituindo essa forma de ensino por um modelo de educação que forma os professores por área de conhecimento (MOLINA; FREITAS,2011, p.28 e 29).

Esse desafio em romper com a disciplinarização e de investir na formação do educando por área de conhecimento contribui para que o aluno tenha um aprendizado amplo, que o faça

interligar as disciplinas e entender que elas não ocorrem de forma separada. Um aspecto positivo dessa formação é a possibilidade de o aluno estudar uma complementando ou dando continuidade a outra, ao invés de entendê-las separadamente.

Apesar de ser uma grande modificação no sistema de ensino, poderia se tornar um avanço significativo instigando tanto os professores como os alunos a se habituarem com essa nova organização por áreas de conhecimento. Contribuindo dessa forma, com a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, o qual deveria acompanhar as mudanças que ocorrem nas ciências, tecnologia e sociedade, que cada vez mais exige pessoas preparadas para solucionar problemas e que tenha um conhecimento diversificado para se adaptarem com o mundo globalizado.

Portanto existe uma grande necessidade de trabalhar de forma diferente a disciplina de ciências no campo, pois proporcionar o aprendizado de ciências na escola, não consiste em explorar somente saberes biológicos, químicos ou físicos. Mas deve-se escolher um processo de integração de conhecimentos que possibilite ao educando observar, investigar, analisar e sintetizar. Trata-se de um processo de ensino que propõe práticas que levem o

aluno a questionar os problemas e descobrir como solucioná-los (PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO, pg.14). Complementando:

É preciso, ainda, que o conhecimento escolar não seja alheio ao debate ambiental travado pela comunidade e que ofereça meios de o aluno participar, refletir e manifestar-se, interagindo com os membros da comunidade, no processo de convívio democrático e participação social (PCN do Ensino Fundamental de Ciências,1998, p.45).

Segundo Tavares e Silva (2014) é verificado nos livros didáticos apenas uma representação do espaço do campo por meio de imagens que compõem a vida do campo, por exemplo:

Animais, frutas, sementes, atividade de plantio, atividade de ordenha de vacas, dentre outros. A orientação geralmente presente no Manual do Professor é para explorar oralmente as imagens de forma que os estudantes identifiquem o que tem nelas de parecido com a região onde moram. Esta abordagem pode provocar o educador para que estabeleça

relações (analogia, comparações, etc) entre as paisagens rurais, mas não apresenta argumentos que qualifiquem os modos de vida dos povos do campo, já que o objetivo de sua presença é a de indicar uma mera ilustração, sem uma contextualização com maior consistência (p. 239 e 240).

A citação acima nos mostra que essas imagens não representam a diversidade do campo brasileiro. A autora ainda nos mostra que os livros didáticos apresentavam fotografias de atividades de monocultura, com máquinas em grandes propriedades; o sujeito do campo sempre dotado de estereótipos como imagem de caipira, matuto e o campo mostrado como um lugar de passeio e não como uma região onde muitas pessoas sobrevivem do trabalho camponês. A realidade do campo brasileiro fica distorcida e não é mostrada tal como é, pois sabemos que o trabalho realizado no campo tem como principal característica a agricultura familiar, inclusive o Movimento da Educação do Campo visa fortalecer esse modelo de agricultura.

Contudo, identificaram algumas coleções em que foram observados o contexto do campo de acordo com sua realidade, valorização de sua cultura,

usando metodologias de entrevistas com camponeses. Onde os assuntos tratados foram:

Atividades agrícolas, atividades de pesca, relações de certas atividades realizadas na comunidade com as fases da lua. Nessas atividades, em geral, solicita-se que os estudantes pesquisem, apresentem e discutam sobre práticas cotidianas realizadas no campo ou que realizem a observação de elementos naturais do campo. Um exemplo, ao apresentar o tema” solos, “uma obra solicita que os estudantes realizem uma pesquisa com os colegas sobre o solo ao seu redor. Para isso é necessário que os estudantes façam observação e coleta de diferentes tipos de solos encontrados na região em que vivem (idem, p.240 e 241).

Esses modelos de atividades estão relacionados com o campo, porém as autoras observaram que o diálogo entre esses elementos não foram aprofundados nem contextualizados, em aspectos de problematizações como, por exemplo, o “controle de erosão e ações para recuperação de ambientes, plantação agroflorestal, agricultura

orgânica, permacultura e pesca artesanal” (idem, p. 241)

Com isso, é possível perceber que os problemas apontados pelas autoras sobre os livros didáticos nos ajudam a compreender qual seria o caminho de se trabalhar o ensino de ciências no campo, tendo em vista as proposições do Movimento da Educação do Campo.

4 MATERIAL E MÉTODOS

Essa pesquisa se fundamenta nos pressupostos da pesquisa qualitativa. A principal característica da pesquisa qualitativa é sua abordagem compreensiva e interpretativa das situações, pessoas e instituições em análise. Escolhemos essa abordagem metodológica pela natureza de nosso objeto de estudo, que visa compreender se/como ocorre o diálogo entre os conteúdos escolares de ciências com elementos da cultura camponesa em uma escola do campo.

Durante o desenvolvimento desse trabalho, realizamos um levantamento bibliográfico e mapeamento de pesquisas sobre o ensino de ciências para fundamentar teoricamente nossa investigação. A escola em que desenvolvemos a pesquisa é a Escola Estadual Aurélio Bento Salgado, localizada na zona rural do município de Piraúba – MG. A escolha desta escola se justifica pela sua localização no meio rural e por ter aceitado participar da pesquisa. Trata-se de uma escola em que a gestão, equipe pedagógica e os professores afirmam estar se aproximando do debate da educação do campo

visando garantir a continuidade de suas ações com os alunos e a comunidade do campo. As etapas do desenvolvimento da pesquisa na escola foram: análise dos documentos da escola; entrevistas com o supervisor e professora de Ciências; observação de algumas aulas da professora da disciplina de Ciências. O objetivo da análise dos documentos foi o conhecimento histórico da escola, do projeto político-pedagógico e outros documentos que contribuem para a caracterização dessa instituição. A realização de entrevistas objetivou compreender através do discurso da diretora, supervisor e professora sobre a especificidade do trabalho desenvolvido na escola com os alunos do campo, além dos desafios e possibilidades que a instituição vivencia em seu cotidiano de trabalho. As observações visaram entender quais e como se desenvolve as estratégias de ensino do professor de Ciências e se/como ele articula os saberes e as vivências da cultura camponesa em suas aulas.

Nosso principal instrumento de coleta de dados foi a entrevista, por isso faremos uma discussão de como compreendemos a utilização desse instrumento em uma pesquisa qualitativa. Segundo Neto et. al (2002) em uma pesquisa a campo a utilização de entrevistas como instrumento

de obtenção de dados vai além de uma técnica a ser dominada, pois ainda há dúvidas sobre o que fazer com os dados de uma entrevista. O entendimento da atividade da pesquisa na área da educação precisa levar em conta além dos dados obtidos através dos registros, ou seja, o contexto onde a entrevista está ocorrendo deve ter um valor complexo que é constituído de fatores que são o entrevistador, entrevistado e também tudo o que se encontra ao redor, tanto objetos físicos como impressões ocultas são importantes no momento da entrevista, pois irão influenciar nos resultados. Outra questão a ser considerada é a interpretação dos enunciados e das falas dos entrevistados e a importância do primeiro fazer as perguntas e o segundo responder a estas. Para Arfuch (1995, p.25 *apud* Neto et. al) a situação de entrevista consiste em:

Em primeiro lugar a situação comunicativa, regida pelo intercambio dialógico, seus participantes, sua vizinhança com a conversa cotidiana, os usos da linguagem, suas infrações, o que de previsível e imprevisível tem esse jogo intersubjetivo da verdade (do coloquial ao

formal, do chiste, do mal-entendido, da ironia os da agressão).

As preocupações que permeiam para a realização de uma entrevista são com relação ao local que deve ser realizada. O entrevistado deve se sentir a vontade e o entrevistador ter o cuidado de obter dados que serão importantes para a sua pesquisa. Alguns cuidados devem ser tomados para que tudo saia bem, são eles direcionados para o entrevistador que consistem em: zelar pela neutralidade, não dar dicas de respostas, manter o respeito pelo entrevistado, não fazer interrupções, nem o intimidar, estabelecer uma relação de confiança, usar uma linguagem que se aproxima do entrevistado, evitar termos técnicos assim como palavras que soem mal, ter flexibilidade, usar o gravador com moderação, falar menos do que o entrevistado. Os entrevistados deveriam ser encorajados e instruídos para contarem com detalhes os importantes acontecimentos (NETO et.al,2002, p.123).

Alasuutari (1995) nos fala sobre a perspectiva da interação da entrevista. Esta ocorre ao invés do foco permanecer na fala do entrevistado para obter os dados, toma-se toda a interação como um produto

a ser analisado. Para explicar tais reflexões, Alasuutari (1995, p.86) diz que:

Da perspectiva da interação, não se pensa que existam afirmações ou posições de sujeito “imparciais”. Existe apenas uma fala situada que alguém pode usar como dado, quando se tenta fazer sentido de fenômenos sociais ou culturais.

A perspectiva adotada nessa pesquisa é de interação. Um fato que ocorre também é a questão de jogos de linguagem entre o entrevistado e o entrevistador, que são sujeitos culturais e constituídos de circunstâncias onde estão situados. Outro aspecto são os jogos de poder e controle nas entrevistas, em que o entrevistador é o agente da ação e o entrevistado é quem sofre essa ação e os papéis definidos previamente constitui uma das regras da entrevista. Entrevista como gênero discursivo pode se subverter, questionar e ressignificar suas regras.

Nas entrevistas ocorrem também uma analogia a um terreno movediço onde há presença do esperado e o inesperado, entre a repetição e a

inovação, que estão presentes nas entrevistas. Conforme Arfuchs (1995, p.34):

(...) mesmo quando se trate de intercâmbios pautados, em que um dos interlocutores é o que pergunta e outro está ali para responder, sabemos que todo o encontro tem uma boa dose de acaso e, em consequência, nunca é de todo desprezível.

As lógicas culturais estão embutidas nas perguntas e nas respostas, por exemplo a presença da ambiguidade que pode ser vista na oscilação entre familiaridade e diretividade. Segundo Alasuutari, em sua perspectiva de analisar entrevistas, ele menciona sobre distinção cultural que :

Quando examinamos as distinções culturais no material qualitativo, não estamos preocupados com a veracidade das informações obtidas, por exemplo, com uma pessoa entrevistada. O estudo das distinções culturais, ao invés disso, é uma forma de analisar como um indivíduo ou sujeito sob escrutínio está comunicando a

história, seja ela verdadeira, honesta ou mera fabricação. Ao analisarmos as distinções culturais e suas inter-relações, estudamos as classificações e distinções que um texto contem e a maneira como, dessa forma, ele constrói a realidade (1995, p.63).

É possível ver que os autores apresentam em comum algumas características nas análises das falas das entrevistas, onde a ênfase maior é dada a própria entrevista e ao entrevistador da mesma, como o ato de abandonar a busca pela verdade (NETO et al, 2002, p. 138).

4.1 A Inserção do Pesquisador no Trabalho de Campo

A experiência como pesquisadora possibilitou saber como um pesquisador se coloca mediante a realização de uma pesquisa a campo. Além de proporcionar uma visão mais próxima da realidade do material de estudo, através das leituras dos materiais da escola, observações das aulas de ciências e as entrevistas.

Cada etapa contribuiu com uma experiência nova, o momento das conversas com a diretora para permissão da realização da pesquisa na escola, em que a mesma demonstrou total abertura, reconhecendo a pesquisa na escola como uma possibilidade de abrir novas oportunidades para proporcionar avanços da escola. Assim, demonstrou boa aceitação, inclusive apresentou interesse e abriu espaço para novos projetos que por ventura surjam a partir da pesquisa.

As leituras dos documentos da escola, proporcionaram o conhecimento da história da escola, suas lutas para permanência e resistência contra o fechamento, além de sua importância para a comunidade. Nas observações das aulas da professora de ciências pude ver o impacto que é causado pela presença de uma pessoa fora do contexto daquela escola observando o trabalho da professora. Notei certa apreensão da professora no momento da entrevista, ainda que já me conhecia pelo fato de ter sido minha professora no ensino fundamental, mas aquela hora era diferente, pois o meu papel era de entrevistadora e o dela de entrevistada. Mesmo com um pouco de acanhamento da professora, as observações trouxeram dados importantes. Pude notar a diferença que há entre os

alunos do campo e os da cidade, que chamou atenção pelo fato dos primeiros apresentarem um comportamento melhor, comparando com as escolas da cidade que tive acesso até hoje, por meio de estágios e algumas aulas dadas.

As entrevistas foram muito importantes para a realização deste trabalho, pois permitiu relacionar os discursos do supervisor e da professora de ciências com os documentos da escola, e com as propostas da Educação do Campo, possibilitando ter uma boa informação sobre o tema a partir das visões de profissionais de diferentes categorias. Contribuiu também para saber qual a concepção dos entrevistados sobre a Educação do Campo.

A entrevista com o supervisor foi realizada na sala em que ele trabalha e ocorreram alguns imprevistos, como o fato dele me pedir para ler o roteiro de entrevista e ir respondendo as perguntas e a minha atitude de deixa-lo com o roteiro, que se justifica pela falta de experiência da minha parte, já que foi a primeira vez que entrevistei alguém e pelo fato de não ter me informado sobre os passos a seguir em uma entrevista.

Ao entrevistar a professora de ciências, inicialmente ela demonstrou certa preocupação com relação às perguntas que seriam realizadas, assim

como seriam as análises das entrevistas. Mas depois agiu naturalmente, o local da entrevista foi na biblioteca, onde havia uma pessoa fazendo um trabalho para a escola, mas não atrapalhou, houve uma interrupção por outra professora que precisou conversar com a entrevistada, mas foi rapidamente e apenas esse momento de interrupção. Em seguida, prosseguimos a entrevista normalmente e a professora de ciências demonstrou muita sinceridade e no fim mostrou que gostou de ter contribuído com a pesquisa, respondeu bem todas as perguntas. Contudo durante a realização da pergunta sobre a diferença entre educação do campo e a educação rural ela não soube diferenciar, pois acha que as duas tem o mesmo significado. Ao perguntar sobre as habilidades que os alunos devem desenvolver nos conteúdos, ela também ficou em dúvida, disse que cada conteúdo será desenvolvido uma habilidade diferente e citou alguns exemplos. No geral, os dados obtidos através das etapas da pesquisa foram de grande valia para a conclusão deste trabalho.



Fig. 1 Escola Estadual Aurélio Bento Salgado

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Escola Estadual Aurélio Bento Salgado: características, proposta curricular e experiências em desenvolvimento

A partir da análise dos documentos da escola foi possível conhecer a sua origem, como que ela está organizada e suas principais características. Com o objetivo de identificar especialmente dados que a caracterizam como uma escola da região rural, observando se existem informações em sua proposta que coincidam com as proposições da educação do campo.

Em seu regimento escolar de 2013, pode-se conhecer a história da escola, começando pela data de sua criação, que foi em 1962, com o nome de Escola Combinada dos Ferreiras. Essa primeira denominação diz respeito ao nome da comunidade rural onde está inserida, Córrego dos Ferreiras, por esse motivo é chamada popularmente por Escola dos Ferreiras. Mais tarde o nome da escola sofreu algumas modificações: Escola Combinada Aurélio

Bento Salgado², em seguida recebeu o nome de Grupo Escolar Aurélio Bento Salgado.

Este último nome nos chama a atenção pela sua finalidade, que foi de homenagear o pai de um fazendeiro de grande influência na região, o que nos mostra a lógica de nomeação da escola rural, que apresenta geralmente nomes de grandes fazendeiros, coronéis, presidentes, médicos, pessoas que ocupam lugares de privilégio político e econômico na sociedade. Sendo assim, podemos perceber que os nomes das escolas são fortemente influenciados pelas relações de poder e hierarquia que tem sua repercussão nas representações, valoração e nomeações dos bens de uso comum, tais como a escola.

As mudanças no nome da escola não pararam por aqui, pois esta passou a se chamar Escola Estadual Aurélio Bento Salgado. As séries contempladas nesse período eram de primeira a quarta série. Segundo o referido regimento, em 1997 a escola foi municipalizada e seu nome mudou para

² Passou a ser escola reunida de acordo com os artigos 23,31 132 da Lei nº 2610 de 08/01/62, cuja publicação registrou-se no Minas Gerais de 20/06/67, pág.10 coluna 01.Pelo decreto nº 13200 de 27/11/70, publicado no MG de 28/11/70, pág.03, coluna 04.

Escola Municipal “Maria de Paula Pires,”³ como forma de homenagear uma querida educadora das séries iniciais do ensino fundamental. Maria de Paula Pires era mãe de um político atuante e respeitado pela população local da época. No ano de 2001, a escola voltou a pertencer ao estado e com o nome de Escola Estadual “Aurélio Bento Salgado,” onde ministra o ensino fundamental do sexto ao nono ano⁴.

Com isso podemos ver a influência histórica, política e de poder presente no nome da escola, principalmente pelas tantas mudanças por quais passou. Essa inclusive é uma questão interessante para outras pesquisas relacionadas à toponímia de escolas, porém não vamos nos deter a essa discussão, pois não contempla nossos objetivos de pesquisa.

Os alunos da escola são moradores da zona rural. A escola funciona atualmente na parte da manhã, do primeiro ao quinto ano. Na parte da tarde, do sexto ao nono ano e uma turma infantil que é mantida pela Prefeitura. A maioria de seus

³ Conforme o MG de 31/01/98 fls. 03, coluna 04, resolução nº 8498/98.

⁴ Amparada pelo Decreto nº 13200 de 27/11/70, publicado no MG de 28/11/70, pág. 03, coluna 04, com a regulamentação de sua denominação oficial pela resolução 810/74 da Secretaria de Estado da Educação, publicada no MG de 06/07/74.

funcionários residem no município de Piraúba, que são: diretora, especialista, secretária, Assistente Técnico de Educação Básica (ATB), auxiliar de secretaria, bibliotecária, serviços, professores efetivos e professores designados.

Como consta no regimento, e também como foi observado nas aulas de Ciências, as salas de aula têm poucos alunos. Aspecto esse apontado pela professora de Ciências ao falar de suas aulas e de seu modo de trabalhar em consequência desse pequeno número de educandos. Para ela esse é um ponto positivo por possibilitá-la dar uma atenção mais individual para os alunos para sanar suas dúvidas.

Como já foi mencionado nas literaturas, a escola rural apresenta uma estrutura precária, necessitando sempre de muitas reivindicações por reformas. A pesquisa nessa escola nos ajudou a entender essa realidade através das observações que foram realizadas a campo e também pelas leituras em seu regimento, que também consta essas dificuldades. Uma delas é a biblioteca que não é suficiente para atender as necessidades dos alunos, visto a pouca disponibilidade de materiais.

Outro problema estrutural desta escola é a sua quadra, que é de terra batida e coberta, ou seja, não é adequada para práticas de esportes. Por meio de

conversas com a diretora e entrevista com o supervisor, eles relataram que quando chove não tem como usá-la para nenhuma atividade. Considerando que a disciplina de Educação Física é obrigatória, essa precariedade na quadra dificulta o exercício e o trabalho do professor da disciplina. Na entrevista com o supervisor ele aponta a reforma da quadra como um projeto que precisa ser realizado com urgência, que já tentou verba, mas ainda não conseguiu. Afirmou ainda que, caso não consiga vão pedir ajuda à comunidade de doações dos pais dos alunos e de outros meios para que possam arrumar a quadra.



Fig.2 Quadra de esportes da E. E. Aurélio Bento Salgado

A atitude da escola de buscar meios para a reforma da quadra, nos mostra a preocupação que a mesma tem de proporcionar uma educação de qualidade para os seus alunos, em contrapartida observamos que os seus direitos estão sendo violados quando o estado retarda as reformas necessárias e reivindicadas pela mesma. Em uma das falas do supervisor ele comenta que a alimentação principal

de alguns alunos é a merenda da escola e que para fazer viagens culturais não pode pedir dinheiro para os alunos, pois eles não possuem renda para essas viagens. Consequentemente não teriam para promover a reforma da quadra também.

Essa escola é uma pequena amostra da realidade das escolas rurais brasileiras. A pesquisa realizada pelo MEC/ INEP sobre as infraestruturas disponíveis nas escolas rurais do Brasil apontam grande precariedade comparada com as escolas urbanas. Os dados da pesquisa mostraram que em 2002 nas escolas rurais, apenas 4% apresentavam quadra de esportes e em 2005 houve um pequeno aumento para 5,6%. Enquanto que as escolas urbanas, em 2002, cerca de 50,7% de escolas tinham quadras de esportes e em 2005 esse número subiu para 53,8%.

Em nossa revisão de literatura sobre a escola rural, vale destacar que muitas vezes a precarização da estrutura física das escolas rurais é utilizado como argumento para implementação de políticas de fechamento de escolas do campo. A não viabilização de recursos para reformas pode ser interpretada como medida de sucateamento para fins de fechamento de escolas do campo.

Apesar de toda essa dificuldade, nas observações foi possível ver que a escola tem alguns bens removíveis, como uma mesa grande de refeitório, uma sala de informática com uma impressora que precisa de concerto, uma televisão, um Datashow e um notebook. O que mostra que mesmo diante das grandes dificuldades relacionadas principalmente ao prédio escolar, nota-se a subida de pequenos degraus em rumo a melhora da escola.

Quanto ao transporte das escolas do campo o supervisor comenta sobre a dificuldade apresentada para os alunos chegarem até a escola, principalmente quando chove, que dificulta as passagens da Van nas estradas. Esse ponto de vista que ele apresenta é contraditório ao da professora de ciências, pois segundo ela a parceria com a prefeitura para ter esse meio de transporte para levar os alunos para a escola é um privilégio para eles, porque a van busca em casa e quando termina a aula leva e deixa na porta de casa.

O regimento diz que a escola tem como missão oferecer aos alunos uma educação de qualidade, respeitando as diferenças de cada um e o ritmo para que possam trabalhar consciente e criticamente na comunidade em que vivem, visando muda-la com ações que promovam o bem estar social. Ressalta que

os pais tem a oportunidade de expor suas opiniões e participar das atividades e decisões.

Por meio das observações da escola, das aulas de ciências e de dados das entrevistas foi possível concluir que os funcionários trabalham com união, que a direção é bem democrática e que as decisões tomadas pela direção se baseiam na participação e ajuda dos demais funcionários. Buscando trabalhar da melhor maneira possível com os poucos recursos que tem, mas também não deixando de lutar pelas melhoras na escola, como foi mencionada na fala da professora de ciências:

A todo momento agente luta para a escola não fechar. O ano passado estavam querendo fechar a escola, devido ao número de alunos ser pouco, mas depois a diretora fez um registro e levou para a secretaria de ensino e eles puderam ver que esta escola é muito importante para essa comunidade. E essa comunidade tem o maior número de pessoas na escola rural do município de Piraúba. Ia ser muito difícil os pais deixarem os filhos sem estudar (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Um dado que confirma esse trabalho dialógico com a comunidade está na entrevista com o supervisor. O mesmo relatou que a primeira ação que ele e a diretora tiveram no início de seu trabalho foi de ir à comunidade para fazerem uma pesquisa e trabalho de conscientização com os pais sobre a importância dos mesmos irem as reuniões escolares. Nesse ponto, um dos problemas citados pelos pais foi a demanda do trabalho que dificultava a presença nas reuniões. Para solucionar este problema o supervisor articulou as reuniões da seguinte forma: algumas reuniões são feitas na parte da tarde, outras na parte da manhã e ainda no sábado, onde a escola fica aberta o dia todo para os pais os procurarem no horário disponível para conversar com os professores, supervisor e diretora sobre a vida escolar de seus filhos. Segundo o supervisor:

A primeira coisa que foi detectada pela supervisão e direção foi que tinha que trazer os pais para a escola, mostrar para eles os nossos objetivos e os nossos problemas. Desde quando a atual direção retornou pela segunda vez que foi eleita, nós já fomos para a comunidade e fizemos um projeto que chamava “Mudando nossa vida, mudando

nossa escola”. Foi o primeiro projeto pra iniciar o trabalho, o objetivo do projeto era ir nas comunidades e conhecer um pouco a realidade dos alunos. As pessoas que foram nas comunidades: diretora, eu (supervisor) e alguns professores. Antes de iniciar as aulas íamos para convidar os pais e conseguir o maior numero de adesão possível das pessoas, para poder falar da situação atual e apresentar a eles a nossa proposta e a importância da comunidade na participação na escola (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Outro ponto a ser discutido é com relação aos projetos que a escola realiza. Conforme foi mencionado pelo supervisor estes são direcionados para a vida da comunidade. São realizados projetos que promovem a participação dos alunos, dos pais, vizinhos. Ou seja, projetos que são úteis e que tragam uma transformação e melhora em suas vidas. De acordo com o supervisor, 18/08/2015:

Conseguimos junto com a comunidade fazer uma parceria com o IFET de Rio Pomba, para trazer um curso de extensão que eles oferecem para comunidades rurais. Foram cursos de

primeiros socorros para a comunidade, onde contou com a participação de 50 candidatos, distribuídos entre alunos e moradores da comunidade interessados. O outro curso era sobre como criar uma cooperativa rural. Através desses cursos, os pais viram que a escola realmente, além de estar fazendo seu trabalho e apresentando tudo que faziam para os alunos, eles começaram a ver a importância que eles tinham para a escola, construindo tudo que faziam com o apoio dos pais e colegiado. Nós participamos efetivamente das decisões, fazendo uma festa junina para eles participarem da escola, sempre chamando o colegiado, que é formado por membros da comunidade, pais, alguns alunos, diretora, supervisor e alguns professores para dar sugestão sobre os dias que poderiam acontecer estes eventos, por exemplo. (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

O curso sobre como criar uma cooperativa rural nos mostra o interesse de desenvolver no campo formas de organização e vendas de produtos via cooperativas. Segundo a OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras – define cooperativa como:

“Uma sociedade de, pelo menos, vinte pessoas físicas, unidas pela cooperação e ajuda mútuas, gerida de forma democrática e participativa, com objetivos econômicos e sociais comuns, cujos aspectos legais e doutrinários são distintos das outras sociedades.” (X Congresso Brasileiro de Cooperativismo – Brasília, 1988).

As cooperativas estão inseridas em uma lógica de comércio cooperativo e coletivo ao invés de individualismo e competição tão apregoada pela lógica capitalista. O que dialoga com os princípios da Educação do Campo de lutar pelos direitos dos povos do Campo e por um projeto de sociedade fora da lógica excludente e individualista do modelo capitalista.

No relato acima o supervisor mostrou algumas oportunidades para a escola e para a comunidade. O que provavelmente contribuiu muito para que os pais passassem a participar mais da vida escolar de seus filhos. E na obtenção do entendimento que a família tem um papel fundamental no processo de educação.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, o currículo deve ter conteúdos e estratégias

de aprendizagem que capacitem o aluno para viverem na sociedade, para a atividade produtiva e para a experiência, visando à integração no trabalho. Aprender a: conhecer, fazer, viver e ser são diretrizes que orientam a proposta curricular e são apresentadas pela UNESCO. Os temas transversais trabalhados, propostos pelo MEC nos PCN's são: ética, meio ambiente e saúde. Dentre os vários projetos realizados na escola, o supervisor fez menção:

O último projeto que fizemos foi o da Feira Cultural, onde desenvolvemos um projeto que chama Cultura da Diversidade. Nesse projeto trabalhamos com nove subtemas, dos quais alguns foram: reciclagem, água, as profissões, artesanato da comunidade escolar, Maurício de Souza e outros. Estes projetos foram desenvolvidos de acordo com a realidade da nossa comunidade rural, fizemos todo o projeto que tivesse relação com a comunidade. Antes de escolher os nove, fizemos um levantamento de 20 temas, a partir deles nós conversamos com os professores, fizemos uma seleção de quais achávamos melhor e depois conversamos com os alunos quais estavam na realidade deles. E dos vinte, fomos lapidando e

chegamos até os nove, que foram executados e apresentados na Feira Cultural. (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Pelo que o supervisor relatou o projeto acima foi muito válido para a comunidade toda, pois conseguiram o envolvimento dos alunos, a comunidade e os funcionários da escola. Ele transmitiu em seu enunciado que houve um empenho geral, acompanhado de muita dinâmica nos trabalhos, pois os alunos tiveram o compromisso de levar o material que desperdiçavam em casa e responsabilizaram também seus pais de não descartar estes materiais de forma incorreta. Depois da realização do projeto, os alunos passaram a contribuir para manter a escola limpa, jogando os lixos nas lixeiras corretas e mostrando que foram conscientizados.

Através do relato é possível entender o impacto do projeto na vida dos alunos e na sua relação com a escola e em sua residência, pois entenderam que precisavam mantê-las limpas. Segundo o supervisor esse foi um dos resultados alcançados com o trabalho. Outro projeto, que ele citou foi o seguinte:

Os pais tiveram a oportunidade de ir a escola para mostrar o artesanato e o trabalho que realizam em casa e as vezes é o ganha pão deles, envolvemos desde o aluno, pais e outros participantes da comunidade, foi uma ação que desenvolvemos que envolveu família e parentes, com o objetivo de resgatar toda a raiz. (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Este trabalho foi interessante por ser um meio de valorizar os saberes, cultura e trabalho camponês, o que dialoga com as concepções da Educação do Campo, que prevê justamente isso: a parceria que envolve a comunidade, escola e as articulações de seus trabalhos (CALDART, 2012, p.259). Nesse caso em especial o artesanato, que é uma atividade praticada há muito tempo e de presença na cultura camponesa. A partir de então, entendemos a existência de algumas práticas da escola que dialogam com os ideais da Educação do Campo.



Fig.3 Artesanatos da comunidade do Córrego dos Ferreiras

Ainda a partir de análise do PPP foi possível observar que durante o ano letivo são desenvolvidas atividades que estão na rotina de todas as escolas, que comemoram datas específicas nos meses do ano, por exemplo em maio o dia das mães e semana de prevenção às drogas; julho a festa julina; agosto, o

dia do estudante; outubro, dia das crianças, dia do professor e halloween; novembro, dia nacional de ação de graças e dia da consciência negra. Além de outras atividades, como toda segunda-feira é feito um momento cívico com os alunos do turno da manhã e realizada mensalmente uma hora cívica com os alunos do turno da tarde (sendo a oração do Pai Nosso, rezada todos os dias).

Com relação a essas atividades mencionadas acima, podemos observar ainda a forte influência de comemorações comuns em muitas escolas. Outro ponto a ser destacado é sobre a questão religiosa, marcando a influência da religião na instituição escolar. Vale lembrar que a LDB 9394/96, assim como nossa Constituição Federal afirmam que as escolas devem ser laicas.

O calendário da escola é feito de forma a atender a legislação vigente e as necessidades da escola. Ao fazê-lo são respeitados aspectos pedagógicos, administrativos e legais. Esse parágrafo, presente no PPP não afirma de forma clara se há preocupação em ouvir a comunidade na proposição do calendário, pois o discurso presente no documento afirma apenas atender as necessidades da escola. Já na entrevista com o supervisor, o mesmo afirma que as reuniões da escola sempre visam

atender as possibilidades da comunidade, porém isso não é enfatizado nos documentos da escola.

5.2 Concepções de Educação do Campo em Cena

O objetivo de destacar a discussão sobre a Educação do Campo nas entrevistas é o de saber o entendimento do supervisor e da professora de ciências sobre o tema e fazer uma análise entre suas colocações os princípios da Educação do Campo.

Para o supervisor, a diferença entre Educação Rural e Educação do Campo é:

A educação do campo tem o objetivo de manter os alunos no campo, a escola oferece a possibilidade deles continuarem seus estudos, se aperfeiçoar e profissionalizarem. Com o objetivo de voltar para poder estar trabalhando, o que não acontecia com a rural, na qual eles vinham, estudavam e iriam embora sem aplicar os conhecimentos do campo. Começaram a migrar do campo para as cidades para trabalhar em lojas, indústrias e confecções, as vezes até escravizados, porque saem daqui sem ter um estudo. O debate da educação do campo vem para mudar essa realidade e mostrar a

importância do produtor rural. Algumas ações do Estado ajudaram a incentivar o produtor rural, por exemplo, uma porcentagem da merenda escolar é comprada do produtor rural. A educação rural com o passar do tempo, foi ficando desvalorizada e a educação do campo veio mostrar que a educação rural é importante para toda a economia do país. Estamos falando de Piraúba, mas se formos fazer a proporção de todo o Brasil tem uma preocupação muito grande de conseguir manter o produtor no campo e as escolas rurais que são poucas que existem até hoje. (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

De acordo com essa definição dada pelo supervisor, percebemos seu entendimento sobre a importância que o rural tem para a economia do país, em especial a agricultura familiar. Por isso a necessidade de valorizar esse território, no qual a escola é um de seus bens de valorização. Porém quando ele fala que o incentivo dado aos produtores rurais foram realizados pelo Estado, esse dado nos mostra o desconhecimento sobre as lutas e conquistas dos povos do campo, cujos direitos que hoje gozam só foram conquistado através de suas reivindicações,

e não por uma “boa vontade política” do estado para com os mesmos. Outro dado que nos chama atenção é sua visão reducionista da educação do campo como política de fixação do homem no campo. Entendemos que as concepções e proposições do movimento da Educação do Campo não se reduzem a esse aspecto.

Durante a entrevista perguntei como tomou conhecimento do debate da Educação do Campo. Ao responder o supervisor remete a legislação:

A legislação própria fala sobre a Educação do Campo, LDB também fala, e comecei a saber quando vim trabalhar na escola rural, através da legislação. Acredito que a escola esta inserida nas concepções da educação do campo. (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Nesse enunciado o supervisor afirma que conheceu a Educação do Campo através da legislação. Isso nos mostra o impacto que uma legislação pode ter para causar mudanças de concepções sobre uma determinada realidade. Contudo, em seu discursos sentimos a ausência de um conhecimento sobre a contribuição que os

Movimentos Sociais e Sindicais do campo, por exemplo a luta do MST e suas reivindicações, no movimento da educação do campo para a concretização dessas leis. Entendemos que essa ausência da perspectiva histórica e de luta do movimento pelas escolas do campo, não vinculadas a esse movimento, pode reduzir o caráter político dado por movimento e até mesmo distorcer a concepção de educação do campo.

Comparando as observações realizadas na escola com a literatura sobre a Educação do Campo foi possível perceber que, de certo modo há uma aproximação da escola a esses conceitos, no entanto ainda não é considerada totalmente inserida nas concepções da educação do campo. Até porque o supervisor e também a professora de Ciências falaram que não é objetivo da escola ter o currículo voltado somente para o campo, uma vez que tem alunos que fazem prova de vestibular em outras escolas e não são todos que querem continuar no campo. O supervisor afirma que: “Estamos enquadrados na educação do campo, mas com isso vemos que há outras possibilidades e não é necessário abandonar aqui.”

Ao longo da entrevista o supervisor conta com muita satisfação sobre os resultados excelentes

obtidos por alguns alunos no IFET. Afirma que a escola não deixa de dar oportunidades para os alunos escolherem em continuar no campo ou se quiserem também ter o ensino que o dê uma base para ele fazer provas em outros lugares . E expressa sua alegria ao falar de dois alunos que se destacaram, pois a partir desses acredita que outros também podem conseguir esses resultados. Novamente percebemos aqui uma interpretação simplista dos objetivos da educação do campo, pois em leituras realizadas sobre esta não percebemos discursos que reforcem a ideia de que a escola do campo tem como função tratar somente daquele contexto ou fixar o homem no campo.

O supervisor exemplifica a oportunidade de mostrar outras realidades para os alunos através de uma experiência com uma viagem para Petrópolis. A partir da leitura de vários textos sobre o fechamento de escolas rurais, foi despertada a curiosidade de compreender o motivo que levou tantas escolas das regiões rurais fechar. Sendo assim, uma das perguntas realizadas para o supervisor dessa escola foi justamente qual a sua opinião sobre esse fato. Como resposta, ele disse:

Foi acabando as escolas rurais porque os produtores foram saindo para a cidade, então

para que manter uma escola rural? Eles não viam esse objetivo. Uma que a despesa é muito alta. As vezes mantinha vinte profissionais, para ter dez ou doze alunos em cada turma, mas eles não viram que os pais de antigamente tinham dez, doze, quinze filhos e depois foi diminuindo, tem pais que tem cinco, quatro ou só um filho. Ou seja, o número de alunos também diminuiu, porque houve uma conscientização dos pais em relação ao número de filhos. As escolas do campo foram acabando gradativamente, os alunos começam a ver que não faz sentido estudar se não for por nada em prática, muitos tinham essa visão. Por isso que muitas vezes abandonavam a escola depois que aprendiam a ler e escrever, por exemplo, se o produtor consegue ler e assinar as promissórias já basta. (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

O supervisor aborda vários motivos para o fechamento das escolas rurais, que fazem um pouco de sentido, principalmente sobre uma questão que ficou implícita no seu enunciado que é sobre a migração dos produtores rurais para as cidades. O supervisor apresenta essa ideia, porém não a discute

situando-a como uma consequência do capitalismo, urbanização e industrialização. A questão do número de filhos pode ser um item e no final ele menciona uma coisa interessante que diz respeito ao abandono das escolas por não precisarem do aprendizado da escola em seu meio de trabalho no campo.

Diante do que foi dito pelo supervisor, notamos a importância de haver um ensino de acordo com as concepções da Educação do Campo, não só para a permanência dos sujeitos neste território, mas para que eles tenham oportunidade de desenvolver suas técnicas de trabalho por meio de novos conhecimentos adquiridos através do estudo voltado para a sua realidade de vida e trabalho visando a necessidade do ensino do campo ser voltado para a vida e trabalho camponês. Foi perguntado para o supervisor se já teve algum curso de capacitação para os professores baseado no contexto do campo, ele disse que já tiveram capacitações para os professores, porém nenhuma foi voltada para o campo, foram as mesmas que tiveram nas cidade. “A gente nunca teve proposta voltada para a escola do campo.” No enunciado acima, o supervisor comenta sobre a falta de capacitações de professores voltadas para a escola do campo, onde mais uma vez notamos um distanciamento entre aquilo que é proposto pela

educação do campo e a formação necessária no interior das escolas situadas no campo. Na realidade são falhas tanto das secretarias como do próprio movimento em formar e expandir as concepções da educação do campo para as escolas situadas nesse espaço. Outro aspecto notado na entrevista foi a falta de contato e diálogo com outras escolas do campo, em o supervisor declara que:

No nosso caso nunca tivemos oportunidade de sentar com outros diretores e supervisores para fazer essas discussões, de poder ver qual a ação que outra escola rural faz que é bem sucedida e passar também as nossas propostas, para compartilhar. (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Segundo o supervisor essa é uma lacuna que ele sente de não ter oportunidade de dialogar e trocar ideias com outras escolas do campo, como acontece nas escolas das cidades.

5.3 Apresentação e Análise das Práticas e do Discurso da Professora Sobre o Ensino de Ciências

Por meio de observações em sala de aula e entrevista com a professora de ciências foi possível conhecer como ela trabalha o conteúdo em suas aulas, com enfoque nas relações que são feitas com o contexto do campo.

A princípio a professora se mostrou um pouco apreensiva sobre as perguntas que seriam tratadas, mas depois manteve a naturalidade. Perguntei a ela sobre a sua formação e ela relatou que se formou em Ciências, na cidade de Cataguases, habilitação em Ciências e Matemática.

Na Escola Estadual Aurélio Bento Salgado afirma que já havia trabalhado nos anos de 2000 até 2002, por três anos. E em 2013 retornou para a escola. No total ela tem vinte anos de magistério. Já aposentou em um cargo e atualmente está apenas na escola pesquisada. Na escola leciona em quatro turmas: sexto, sétimo, oitavo e nono ano. Durante a entrevista demonstra sua experiência atuando como

professora, seu tempo de trabalho e sua satisfação em atuar na escola.

Como este trabalho se remete a uma pesquisa sobre a Educação do Campo e como que o professor de Ciências relaciona o conteúdo com os saberes do campo, ao perguntar a professora se ela considera que os alunos possuem saberes do campo que dialogam com a escola, ela disse:

Eu acredito com certeza que os alunos do campo possuem saberes vinculados a escola. Sim em minhas aulas esses saberes vem a tona. Você lembra que na aula do 6º ano, tivemos uma aula sobre o solo e eles fizeram um mural falando do que eles veem no dia-dia deles, como as queimadas, os córregos que muitas vezes próximo há uma mata perto. Depois fizemos dos alimentos que muitas vezes eles com os pais colhem. Então acho que sempre está relacionado. As vezes determinado assunto foge um pouco, igual tabela periódica no 9º ano, foge um pouco, mas eles precisam saber também porque muitos vão estudar fora. Aí falamos de alguns elementos da lavoura que estão presentes na tabela. (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Na entrevista a professora remete minha presença em sua sala de aula. Na aula referida por ela realizei várias observações: a professora pediu que os alunos escrevessem sobre o solo e desenhassem pra colocar no cartaz. Ela já havia explicado em uma aula anterior sobre a matéria. E pediu para eles usarem a criatividade. Observando a aula, houve um aluno que me chamou a atenção, pois escreveu sobre o que ele presencia perto da casa dele, que são queimadas e que gostaria de não vê-las mais no futuro.

Essa colocação do aluno nos mostra a importância da escola trabalhar com os alunos a preservação da natureza. Mesmo eles sendo ainda novos reconhecem que as queimadas fazem muito mal a natureza e para o ser humano. Nos mostra também que esses saberes devem ser tratados desde pequenos para formarem pessoas conscientizadas, como exemplo desse aluno.

Ao perguntar a professora sobre as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos, ela falou que:

A escola aqui é menor, por ser menos alunos agente tem quase que um trabalho individual,

por exemplo 14 ou 16 alunos dentro da sala. Eu noto que no geral os alunos tem dificuldade de interpretar o que está escrito, eles leem e não consegue interpretar o que esta pedindo. E olha que eu trabalho essas questões com exercícios porque depois vem uma prova do Estado, são questões que o aluno tem que raciocinar. (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

A professora conta sobre o desenvolvimento de suas aulas na escola, que se diferenciam de outras escolas que tem mais alunos. Fala sobre a atenção que é possível de ser dada individualmente, o que contribui para o aprendizado dos alunos. Vale destacar também sua preocupação com as avaliações externas na escola.

Para a professora, o ensino de Ciências é muito importante para os alunos e na citação abaixo ela relata a sua opinião:

As ciências está na vida deles. Então eles tem que saber o que está acontecendo no seu dia-a-dia. Igual no 7º ano que estamos estudando sobre os vários reinos, terminei o animal, planta e agora e alguns não conheciam certas

plantas e eu falei gente está aqui em volta de vocês, vocês tem que saber. Me falaram professora mas não sabia que isso aqui era uma planta, os musgos, que dão no tronco das árvores principalmente em lugares úmidos. Eles não sabiam que era um vegetal, pensavam que era vegetal somente aquela árvore imensa. Igual eu falei a ciências está na vida deles, por exemplo, você vai estudar o corpo humano, é a sua vida, é o seu interior. Acho que isso tudo é uma motivação. Estudar ciências você fica motivado só de conhecer o conteúdo. (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

A professora expõe suas ideias e diz que a grande importância das ciências é porque ela está presente na vida e dá alguns exemplos que estão ao redor deles, como as plantas, o próprio corpo humano. Que são temas motivadores para os alunos.

Sobre o conteúdo de ciências, ela pode ver que alguns temas são mais atrativos e outros os alunos apresentam maiores dificuldades, como:

No 9º ano eu pude observar que no ano passado o conteúdo do corpo humano eu acho que eles se interessaram mais, igual agora

estou dando química para eles, eles precisam saber bem a matemática, então eu noto que alguns por não gostar de matemática têm dificuldade em uma conta, erra coisa na hora de distribuir um elétron. Pude perceber que o corpo humano chamou mais atenção deles. (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Essa percepção que a professora teve sobre matérias mais atrativas e aquelas que os alunos tem mais dificuldade é importante, pois poderá dar alguma pista para ela usar métodos de acordo com as habilidades, competências e meios que possam ajudar no aprendizado.

Perguntei se ela conjuga aulas teóricas com aulas práticas, e quais são os tipos de aulas práticas que ela oferece, ela contou que:

Sempre que eu posso eu gosto de fazer uma experiência, apesar de na escola não ter um laboratório eu improviso, eu levo para a sala de aula, ainda mais com turmas menores, sempre eu gosto de intercalar a teoria com a prática. Igual no 6º ano terminamos de estudar o solo aí vem os alimentos que são vindos do solo, e depois quando terminei esse conteúdo

cada aluno trouxe um tipo de alimento para agente ver o nutriente que esse alimento possuía (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Ao perguntar sobre as habilidades que o aluno precisa desenvolver a professora pensou um pouco, perguntou se tinha que olhar no diário. Demonstrando nesse momento um pouco de desconforto e insegurança na pergunta e prosseguiu dizendo que no diário tem várias habilidades e elas sempre começam com verbo. E citou alguns exemplos, como:

Dentro de tabela periódica o aluno deve ser capaz de saber consultar a tabela periódica, saber encontrar os elementos dentro da tabela periódica, essas são habilidades dentro do nono ano (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Essa insegurança da professora nos mostra sua preocupação em ter que responder de acordo com as matrizes de referência estipuladas sobre o estado, que são passadas aos professores para serem seguidas que é o Currículo Básico da Escola Estadual (CBC), que

é um instrumento que assegura maior unidade na rede estadual de ensino e pressupõe a articulação com o Projeto Político Pedagógico de cada escola. Com isso, notamos a forte influência do Estado no contexto escolar e como que o professor acaba ficando preso para seguir esses parâmetros.

Sobre os aspectos positivos das aulas práticas para a aprendizagem dos alunos e com relação a existência de laboratório na escola para ministrar as aulas práticas, a professora relatou que:

Com certeza as aulas práticas são positivas para a aprendizagem do aluno, porque ele vai poder assimilar o que estudou na aula teórica e vai ver que a prática ajuda ele a ver a coisa mais de perto, mais concreta. Não tem laboratório, as aulas práticas são feitas dentro da sala de aula mesmo, as vezes com material de sucata, material que os alunos trazem e fazemos dentro da sala de aula mesmo. (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

A falta de laboratório de ciências é evidenciada em muitas escolas rurais do Brasil. Como os dados apontados pelo INEP, que nos anos

de 2002 demonstrou um percentual muito baixo, de 0,5% apenas de escolas que tem laboratórios e em 2005 subiu pouco para 0,7%, o que representa um índice muito baixo. No entanto, essa realidade é diferente entre as escolas urbanas, que em 2002, 18,3% tinham laboratório e em 2005, 19,2% das escolas urbanas tinham laboratório de ciências. Apesar das escolas urbanas apresentarem índices maiores, a presença de laboratórios em escola públicas ainda é um percentual baixo.

Sobre a participação dos alunos nas aulas a professora afirma que a maioria é participativa, e são poucos os que não são interessados. Na sua opinião, a motivação pode ser através de uma experiência, paródia sobre determinado conteúdo, jogos dos sentidos humanos ou vídeos, onde eles podem ter uma visão melhor de determinado conteúdo.

Perguntei ainda sobre o material didático utilizado em suas aulas, ela relatou que:

O nosso livro didático não é 100%, quando nós fizemos a escolha nós vimos que ia ter que acrescentar várias coisas. Eu sempre pego em outros livros, sempre digito e passo para eles uma parte extra que não tem no livro, eu sempre procuro fazer, porque eu acho que o

livro não é excelente, mas quando nós escolhemos ele era um dos melhores, mas depois fomos vendo que fica bem a desejar, aí a gente sempre acrescenta (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Acima ela discute sobre o livro didático e sobre a necessidade de complementar o conteúdo com outros materiais. Retomando os estudos sobre o programa dos livros didáticos. Realmente há essas falhas, mas o livro deve ser usado como um dos materiais didáticos, pois dá para aproveitar algumas coisas, em especial com relação ao livro didático do campo, que tem sido desenvolvido regularmente.

Ao pedir a professora para mencionar alguns pontos positivos e negativos da escola, ela disse que traz a escola dentro do seu coração, pois gosta muito de trabalhar nela. E cita que todos os funcionários, em especial a supervisão e a direção, estão sempre dispostos a ajudar no que precisa, dentro do possível, porque é uma escola de zona rural, que está precisando muito de uma reforma, porém esse não é um motivo de não exercer bem a profissão.

Através das observações das aulas e da escola foi possível ver essa relação de união que há na escola. A direção atua numa perspectiva

democrática, que sempre busca a opinião dos funcionários para tomar as decisões. O empenho de todos para a realização de um bom trabalho, mesmo diante das dificuldades.

Por se tratar de uma pesquisa em escola rural e visto que há muitas salas multisseriadas na realidade dessas escolas, pedi para que ela me respondesse se já lecionou nessa modalidade e como foi a sua experiência. Ela respondeu:

Esse ano e o ano passado trabalhei em sala multisseriada. Esse ano o primeiro bimestre e o ano passado o terceiro e o quarto. Foi o 6º com o 7º, 8º separado e o 9º separado. Não foi o rendimento que eu esperava, porque você passa uma atividade ou traz de casa um texto extra para o 6º ano e tem que dar atenção para o 7º, aí enquanto você está dando atenção para o 7º, sem querer o aluno do 6º ao invés dele estar lendo o texto que você trouxe ele presta atenção nas perguntas que você está fazendo para o 7º ano. Então é um pouco complicado, consegui graças a Deus, mas não é fácil (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Essa dificuldade da professora faz sentido, uma vez que ela não foi preparada para trabalhar com esse tipo de classe, com mais de uma turma na mesma sala. Por isso existe a dificuldade.; esse tipo de aula para dar certo seria necessário que primeiro os professores tivessem uma capacitação, para reverter a situação e fazer o que parece negativo em algo que desse certo. Por exemplo se olhar pelo lado que o aluno poderá estimular sua criatividade, fazer ligação da sua matéria com a da outra turma, poderia se tornar uma boa metodologia, mas realmente sem o preparo e pesquisas que fundamentem práticas pedagógicas em salas multisseriadas os professores terão dificuldades. Pensando nos conceitos de Educação do Campo e a relevância de sua compreensão pelos docentes foi pertinente saber da professora o que ela entende sobre a Educação do Campo e qual a diferença que há entre a Educação do Campo e a Educação Rural. Como resposta ela disse:

A educação do campo é uma educação que tem o contato com a natureza, contato com esses alunos que saem da escola e trabalham quando chegam em casa, ajudam os pais, é uma educação mais voltada para o manejo, o que eles poderiam levar de vantagem estudando na

escola para sua área de trabalho. Eu acho que a educação do campo estaria muito voltada para a educação rural (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

A professora entende que a proposta da Educação do Campo ocorre por meio da relação entre a escola e o trabalho no campo. Em relação a diferença entre a Educação do Campo e a Educação Rural ela teve dificuldades em responder, mostrou que não sabia a diferença entre educação rural e do campo, chegando a afirmar que acredita ser a mesma coisa. Com isso, vemos que as concepções da Educação do Campo são pouco conhecidas pelos professores, já apontando para uma crítica e ponto fraco que há no sistema de educação, que é visto pela pouca informação que é passada aos profissionais da área. Percebemos também a necessidade de o movimento da educação do campo criar estratégias a fim de cobrar maior formação e capacitação de professores que atuam em escolas do campo.

Para a pergunta com relação a sua opinião sobre a aproximação da escola as concepções da Educação do Campo, ela respondeu da seguinte maneira:

Eu acho que a escola aqui se aproxima da educação do campo, porque você tem que valorizar o que ele traz de casa, por exemplo, experiência de plantar eucalipto. Me chamou atenção um aluno que falou que no futuro não queria ver mais queimadas. Eu saio por aí é o que eu vejo. Então quer dizer que eles trazem aqui pra gente muitas coisas que as vezes o aluno lá da cidade não tem essa visão. Eu acho que a gente sempre aprende muito com eles (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Através das observações das aulas da professora e da fala acima, podemos notar que ela vê a importância de valorizar os conhecimentos prévios dos alunos e nota a diferença entre o aluno da cidade e o da região rural. Interessante destacar que ao invés dela exemplificar a vivência com a agricultura ela remete às plantações de eucalipto, que dependendo da forma como é feita pode trazer sérios danos ambientais no campo. No entanto quando relata sobre a forma de trabalho dos pais de seus alunos, revela que:

Aqui nessa região tem muitos pais que plantam verduras, próximo a escola, depois da rodovia, por exemplo, tem berinjela, tomate,

pepino. A maioria dos alunos quando saem da escola vão regar esses vegetais, a maioria trabalha na lavoura do campo (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Isso nos mostra que os pais dos alunos trabalham no campo e que provavelmente os alunos aprendem com seus pais a trabalhar na agricultura e usar o solo. Sendo assim, quando a professora for ensinar a teoria sobre o assunto ele vai ter um diálogo com a matéria que vai estudar e terá a possibilidade de relacionar a prática com a teoria, construindo assim um aprendizado significativo.

Alguns alunos comentam sobre seus trabalhos relacionados ao campo, ela citou um exemplo de um aluno que lhe disse o seguinte:

Professora plantei uma goiaba hoje, é claro que meu pai estava me ajudando, mas eu sempre estou ali capinando e ele falou que está pensando em me dar metade do dinheiro pra eu comprar uma bicicleta, não sei se ele está só brincando, mas professora é bom a gente trabalhar que temos sempre um dinheirinho. Sempre com a presença do pai, como uma

motivação para o trabalho camponês (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Na fala acima a professora conta sobre um comentário feito por um aluno informalmente, onde ela vê o interesse dos alunos em ajudar os pais no trabalho do campo e o estímulo que os pais dão aos filhos para se envolverem com o trabalho do campo.

Ela disse também que no 9º ano, ela e os outros professores sempre perguntam se eles querem continuar no campo ou se querem ir para a cidade e citou exemplo de um aluno do nono ano que tem a vontade de fazer zootecnia no IFET de Rio Pomba, ela disse que ele tem o desejo de ampliar as terras do seu pai para ele poder trabalhar lá, outros já preferem mexer com cavalo e não querem continuar os estudos, mas ela sempre os aconselha a continuar os estudos, disse que outra aluna do nono ano tem vontade de fazer biologia, na UEMG de Ubá.

É possível ver que os professores estimulam os alunos a prosseguirem nos estudos para se profissionalizarem e apresentam a eles as possibilidades que possuem para se desenvolverem. Isso é muito importante para os alunos se informarem sobre os cursos que existem e começar a pensar o que pretendem fazer no futuro.

Pelo seu modo de falar, vemos que o incentivo e apoio é dado aos alunos e que eles só param de estudar em último caso. Mas no que depender dela e dos outros profissionais da escola eles continuam os estudos.

Aproveitando seu discurso sobre a continuidade dos estudos, perguntei a ela sobre o Ensino Médio, se a escola oferece essa modalidade de ensino. Ela respondeu:

A escola não tem ensino médio, mas a van busca eles em suas casas, tem uma parceria da prefeitura de Piraúba, onde a van pega todos eles. Tem uns que moram longe, mas a condução vai até lá. Não acho que é um motivo de desânimo o fato de ter que ir para a escola da cidade para fazer o ensino médio, porque a van pega em casa (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Acima, ela menciona seu ponto de vista sobre o Ensino Médio que é na cidade de Piraúba que por certo é próximo, ressalta a vantagem da van da prefeitura de buscar os alunos em suas casas. Pudemos observar por meio dessa opinião da professora que realmente o transporte escolar é um

recurso que há na escola para que os alunos deem continuidade nos estudos, porém se analisarmos questões culturais veríamos alguns problemas, como o fato de alguns alunos do campo se sentirem constrangidos perante os alunos da cidade, outro problema também seria em dias de chuva, que como o supervisor contou a van não consegue passar em determinados locais para buscar os alunos .Em seguida, a professora explica o motivo de não haver ensino médio na escola:

De manhã não teria como ter o médio, porque já tem do 1º ao 5ºano. A tarde funciona o 6º, 7º, 8º e 9º e um prezinho. Então de manhã o número de salas não comportaria. E aqui é muito próximo a Piraúba, eu falo com eles que eles são privilegiados. Eu falo com eles que eu saí da zona rural com 18 anos e não tinha van que passava em frente a minha casa, as vezes agente ia de bicicleta ou a pé mesmo e nem por isso eu desanimei. Terminei o 2º grau, fiz uma faculdade, fiz um pós. Eu falo com eles que eles tem tudo nas mãos (Entrevista realizada no dia 18/08/2015).

Nesse relato ela conta sobre o motivo de não ter o ensino médio devido a falta de espaço, mas que os alunos tem o privilégio da van da prefeitura buscar eles em casa. Então os que querem estudar tem a oportunidade. Finaliza até contando a sua própria experiência como moradora e estudante da região rural, que conseguiu fazer uma faculdade e uma pós-graduação.

Podemos observar que a professora compara o tempo em que ela estudou na região rural com os dias atuais, que foi bem interessante sua experiência, porém a nossa meta deve ser sempre de evoluir, então com certeza a van proporciona um suporte para os alunos concluírem o ensino médio na cidade, contudo não podemos parar por aqui. E é por esse motivo que a Educação do Campo surgiu, para lutar pelos direitos de uma educação contextualizada para os sujeitos do campo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de algumas leituras sobre a Educação Rural e Educação do Campo consegui entender melhor sobre os dois conceitos, que para muitas pessoas ainda não está claro a diferença entre uma e outra.

Através do entendimento sobre os objetivos do Movimento da Educação do Campo, esta pressupõe valorizar as características do campo relacionadas ao trabalho, a cultura, ao conhecimento e as lutas sociais dos camponeses.

No estudo aqui desenvolvido, buscamos também observar e analisar o ensino de ciências, para compreendermos como é seu desenvolvimento na escola pesquisada. Assim buscamos visualizar a existência de um possível diálogo com a Educação do Campo.

A pesquisa na escola nos possibilitou compreender as práticas pedagógicas da Escola Estadual Aurélio Bento Salgado em relação ao ensino de ciências e os saberes camponeses. Foi possível fazer a caracterização da escola, prestando atenção principalmente se ela assume características que a identificam como uma escola do campo.

Em alguns momentos essas características surgem, como na entrevista com o supervisor em que ele diz que os projetos da escola visam priorizar a comunidade onde a escola está inserida; nas aulas de ciências observadas, onde a professora explora alguns saberes dos alunos ligados ao campo; já em outros, há um afastamento da Educação do Campo, como as comemorações de algumas datas que não contemplam a Educação do Campo e na entrevista com a professora de ciências, quando ela assume não conhecer as diferenças entre a Educação Rural e a Educação do Campo.

Através da análise de seu regimento escolar e do PPP, sentimos falta de discussões específicas sobre a cultura camponesa. O que pode ser revisado por meio de um futuro projeto de extensão da Universidade objetivando revisão e aprofundamento do debate da educação do campo neste documento.

As análises das aulas da professora de ciências permitiram ver que a professora busca contextualizar os conteúdos com os saberes de seus alunos, que esses saberes vêm a tona e ela sempre pede para os alunos participarem na aula. Apesar de não haver na escola um laboratório de ciências, ela ministra essas práticas na sala de aula mesmo, com materiais que ela pede para os alunos levarem ou de sucata, que ela

confecciona. Suas aulas são bem dinâmicas, pois ela gosta de alternar teorias e práticas. Através das observações das aulas de ciências, pude notar a importância das aulas práticas e as possibilidades que o campo oferece para realizar esse tipo de aula.

As entrevistas proporcionaram importantes informações, que revelaram o entendimento da escola sobre a concepção da Educação do Campo. Com isso foi possível perceber que a escola se aproxima da perspectiva teórica da Educação do Campo, mas há alguns limites na sua compreensão, pois nos discursos do supervisor e da professora de ciências ainda existe certa confusão conceitual entre Educação Rural e Educação do Campo.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÂNGELO, Aline Aparecida. O que é ser educador do campo: os sentidos construídos pelos estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da FaE/UFMG.2013. Tese (Mestrado em Educação).Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del Rei, 2013.

ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli; MOLINA, Mônica (org). **Por uma educação do campo: Vozes**, 2005.

BAPTISTA, Francisca Maria Carneiro. **Educação rural: das experiências à política pública**. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural – NEAD / Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável / Ministério do Desenvolvimento Agrário, Editorial Abaré, Brasília,2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais/Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília: MEC/SEF, 1997.In:CARVALHO, G.T;MARTINS, M.F.A. **Livro didático e educação do campo**. FAE da UFMG. Belo Horizonte, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010: dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. *Diário Oficial da União*, 5 nov. 2010.

BRITTO, N.S.A biologia e a história da disciplina Ensino de Ciências nos currículos de pedagogia da UFSC (1960-1990).2010.Tese (Doutorado em Educação).Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. In: CARVALHO, G.T;MARTINS, M.F.A. **Livro didático e educação do campo**. FAE da UFMG. Belo Horizonte, 2014.

BRITTO, N.S; RODRIGUES, L.Z. Para quem e para que ensinamos ciências? Eis uma questão para refletirmos sobre o livro didático nas escolas do campo. In: CARVALHO, G.T;MARTINS, M.F.A. **Livro didático e educação do campo**. FAE da UFMG. Belo Horizonte, 2014.

CALDART, R.S. Educação do Campo. In: CALDART, R. S; PEREIRA,I.B;ALENTEJANO, P; FRIGOTTO,G. **Dicionário da Educação do Campo**. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular Rio de Janeiro. São Paulo2012.

CARDOSO, L de R; ARAÚJO, Maria Inez de Oliveira. Currículo de ciências: professores e escolas do campo. Ensaio-Pesquisa em Educação em Ciências, v.14,n.2,2012.

Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas. Cadernos SECAD 2. Ministério da Educação. Brasília-DF. Março, 2007.

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

Expressão Popular Rio de Janeiro. São Paulo, 2012.

FRACALANZA, H; AMARAL, I.A; GOUVEIA, M.S.F.O ensino de ciências no Primeiro Grau. São Paulo: Atual, 1987.124 p. In: CARVALHO, G.T; MARTINS, M.F.A .**Livro didático e educação do campo.** FAE da UFMG. Belo Horizonte, 2014.

FURMAN, Melina. **O ensino de Ciências no Ensino Fundamental: colocando as pedras fundacionais do pensamento científico.** Sagari. Brasil, 2009.

Investigação no campo das ciências da natureza.

Programa MAIS EDUCAÇÃO. Série cadernos pedagógicos10.

MOLINA, M.C; FREITAS, H.C de A. Avanços e desafios na construção da educação do campo. Em aberto, Brasília, v.24, n.85, p.17-31, abr.2011.

NETO, A.V, et. al. Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em

educação. A entrevista na pesquisa em educação- uma arena de significados. Rio de Janeiro:DP&A,2002.

OLIVEIRA, D.L. de. Considerações sobre o ensino de Ciências. In: OLIVEIRA, D.L. de (Org.). Ciências nas salas de aula. Porto Alegre: Mediação, 1997.

OLIVEIRA, Lia Maria; CAMPOS, Marília. Educação Básica do Campo. In: CALDART, R. S; PEREIRA, I.B; ALENTEJANO, P; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo. Parâmetros Curriculares Nacionais.** Terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental. Brasília, 1998.

TAVARES, M de L; SILVA, P.S. A área das ciências no programa nacional do livro didático para o campo. In: In: CARVALHO, G.T; MARTINS, M.F.A. **Livro didático e educação do campo.** FAE da UFMG. Belo Horizonte, 2014.

WINDERS, G.K. et al. A formação de educadores no PRONERA no MSTTR em Minas Gerais: Experiências do programa de formação de docentes e especialistas para a Educação do Campo. In: LUNAS, A.C. et al. **Práticas pedagógicas e formação de educadores(as) do campo. Caderno Pedagógico da Educação do Campo.** 2ª edição. Brasília 2010.

ANEXOS

ENTREVISTA REALIZADA COM O SUPERVISOR DA E.E. AURÉLIO BENTO SALGADO NO DIA 18/08/2015

Patrícia: Quais são as principais ações da escola?

Supervisor: As ações vão mudando com o tempo, algumas ações já foram bem criadas e executadas e já deram resultado final ,outras estão em constante desenvolvimento. A primeira ação desenvolvida com a atual direção, foi de detectar a necessidade de trabalhar com um projeto voltado para a proximidade da comunidade, objetivando ter a participação dos pais aqui dentro da escola. Pois eram poucas as reuniões que tinham e eram com apenas três ou quatro pais. A primeira coisa que agente detectou foi que tinha que trazer os pais para a escola, mostrar para eles os nossos objetivos e nossos problemas, pegar sugestões e trazer eles para a escola para terem a confiança de participar efetivamente.

Patrícia: A escola em algum momento desenvolveu algum projeto relacionado ao campo com as famílias e com os alunos?

Supervisor: Desde quando a direção retornou, nós já fomos para a comunidade no primeiro dia, agente fez um projeto que chamava “Mudando nossa vida, mudando nossa escola” ,foi o primeiro projeto pra iniciar o trabalho. O objetivo do projeto era ir nas comunidades e conhecer um pouco da realidade dos alunos. As pessoas que foram nas comunidades foram eu, a diretora e alguns professores. Fomos antes de iniciar as aulas para convidar os pais e conseguir o maior numero de adesão possível das pessoas nas reuniões para poder falar da situação atual da escola, de nossos problemas, desafios, apresentar qual é a nossa proposta dali para frente e a importância da comunidade ter participação na escola. Nosso primeiro projeto foi esse, conseguimos nas reuniões as salas com numero de vinte a vinte e cinco pais, ou seja o aumento podemos dizer que foi de quase mil por cento em relação as reuniões anteriores. Só não vai mais pais porque as vezes no horário da reunião eles estão trabalhando, pela manhã os pais que trabalham nas fazendas tirando leite não podem comparecer, a tarde os que

trabalham em confecções que não podem. Dessa forma, o que fazemos é alternar por exemplo, uma reunião marcamos para as cinco da tarde, outra em outro dia, as 8 horas da manhã, marcamos também no sábado, em que a escola fica aberta o dia todo, para dar oportunidade dos pais conversar com o supervisor e a diretora. Nós ficamos a disposição, essa é uma das formas que conseguimos manter o contato com os pais. Conseguimos junto com a comunidade fazer uma parceria com o IFET de Rio Pomba, aquele curso de extensão eles trazem cursos para a comunidade rural, não foi só para os alunos. Aí nós conseguimos cursos de primeiros socorros para a comunidade e teve participação de alguns alunos maiores, que tinham a idade para fazer. Tivemos a participação de 50 candidatos, e o outro curso foi sobre como criar uma cooperativa rural. Com isso, os pais viram que a escola realmente além de estar fazendo o trabalho e apresentando tudo que faziam para os alunos, eles começaram a ver a importância que eles tinham para a escola. Construimos tudo com o apoio dos pais e com o colegiado participando efetivamente das decisões, por exemplo, vamos fazer uma festa junina na escola, aí o colegiado dava a opinião do dia, pois alguns dias as pessoas da comunidade não poderiam participar,

porque já tem os outros afazeres no campo, que sabemos que este tipo de trabalho não para. O pessoal do colegiado como está inserido na comunidade conversavam com as outras pessoas da comunidade e já perguntavam o melhor dia de se fazer as reuniões, festas. Ou seja, tudo que foi feito tem a participação deles. Adequamos todas as nossas ações a comunidade. O nosso colegiado é dividido em quatro segmentos: dois alunos, dois pais, dois representantes da comunidade e dois professores, com a participação da diretora também. É realizado eleição para escolher os membros, onde todos participam da eleição inclusive a comunidade, é feito todo o processo de divulgação e de marcar a data. Por exemplo, na última eleição que tivemos, tinha que ter o titular e o suplente, tudo foi oficial e registrado. Os candidatos participam, é feita a apuração de dados e estes são divulgados para todos. Citei o primeiro projeto que realizamos e agora vou falar sobre o último projeto que fizemos, que envolveu toda a comunidade também, foi da feira cultural, onde desenvolvemos um projeto que chama cultura da diversidade. Nesse projeto, tinha 9 subtemas onde trabalhamos: reciclagem, água, as profissões, artesanato da comunidade escolar, Mauricio de Souza e outros, ao total teve nove

subtemas. Estes projetos foram desenvolvidos de acordo com a realidade da nossa comunidade rural, onde fizemos um levantamento de vinte temas e a partir desse levantamento nós conversamos com os professores e fizemos uma seleção de qual achávamos melhor e depois conversamos com os alunos quais estavam mais próximo da realidade deles. E assim de vinte temas, fomos lapidando e chegamos até os nove. Para aproximar os pais da escola, fizemos um trabalho que chamava artesanato da comunidade escolar, e através deste trabalho pedimos pra pesquisar quais artesanatos que a comunidade trabalha hoje e fizemos um levantamento dos antigos artesanatos que ficaram apagados com o tempo, para resgatar toda esta memória e trazer tudo isso para dentro da escola, esse é um dos nove subtemas. E como era feito: os pais iam para a escola mostravam o artesanato e o trabalho que realizam em casa e as vezes é o ganha pão deles, foram atrás de outras pessoas que faziam artesanatos também que havia ido para a cidade. E com isso envolvemos desde o aluno, pais, avós e outros participantes da comunidade, foi uma ação que desenvolvemos que envolveu família, parentes, conhecidos pra resgatar toda a raiz. Tivemos também um projeto de reciclagem, onde fizemos

reaproveitamento de objetos da comunidade para eles verem que aqueles materiais que jogam para o mato sem dar importância trazem muitos malefícios para a terra deles e o que eles poderiam fazer com aqueles materiais. E com esse trabalho conseguimos com que os alunos e os pais começassem a recolher esses materiais, lavar e trazer para escola, porque sabiam que a gente ia fazer algum trabalho com o material. Esse projeto envolveu a escola porque a escola ajudou a desenvolver todo o material, os alunos, que fizeram o compromisso de trazer esse material que desperdiçavam em casa, responsabilizando os pais de não descartar esses materiais de forma incorreta.

Patrícia: Interessante, pois na verdade a educação é isso mesmo, envolvimento de todos, não apenas só na escola.

Supervisor: Esse foi um aprendizado diferente, só do aluno estar fazendo a prática ele tem uma outra visão, está construindo aquilo ele se torna responsável porque tem muitos aqui que você pode olhar que nosso pátio está bem organizado e limpo, os meninos sempre colocam os lixos nas sacolas corretas, a conscientização foi realizada. Outro projeto importante que fizemos foi sobre a água,

vimos o processo dela e a importância da economia, forma de reaproveitar. Este projeto que fizemos na escola muitos alunos levaram para as suas casas as ideias, para o benefício de suas famílias. Tivemos trabalhos apresentados em congressos, aluno premiado nas olimpíadas de matemática, aluno que passou em primeiro lugar no vestibular, que são coisas que começam a ser uma atrativo, por exemplo tivemos mais matrículas e acho que é em consequência do trabalho.

Patrícia: Você vê diferença entre a Educação Rural e a Educação do Campo? Em caso positivo qual a diferença?

Supervisor: Sim. A educação do campo tem o objetivo de manter os alunos no campo, a escola oferece a possibilidade deles continuarem estudando, aperfeiçoarem, se profissionalizarem e voltar para poder estar trabalhando no campo, o que não acontecia com a rural, na qual eles vinham, estudavam e iam embora sem aplicar os conhecimentos do campo. Tem outras diferenças falei de uma, pois quando entrei para trabalhar nessa escola já era a Educação do Campo. A educação rural com o passar do tempo ela foi ficando

desvalorizada e a educação do campo veio mostrar que a educação rural é importante para toda a economia do país, estamos falando de Piraúba, mas se formos fazer a proporção de todo o Brasil tem uma preocupação muito grande de conseguir manter o produtor no campo e as escolas rurais que são poucas que existem até hoje, em Piraúba tem uma além dessa, em Rio Pomba não tem mais. Foi acabando as escolas rurais porque os produtores foram saindo para a cidade, então pra que manter uma escola rural, eles não viam esse objetivo, uma que a despesa é muito alta que as vezes mantinha vinte profissionais para ter dez ou doze alunos em cada turma, mas o estado não viu que os pais de antigamente tinham dez doze filhos, quinze filhos depois foi diminuindo, tem pais que tem cinco, ou quatro, tem pais que só tem um filho. Ou seja o número de alunos também diminui porque houve uma conscientização dos pais em relação ao número de filhos.

As escolas do campo foram acabando gradativamente, por conta da desvalorização, os alunos começam a ver que não faz sentido estudar se não for por nada em prática, muitos tinham essa visão, por isso que muitas vezes abandonavam a escola depois que aprendiam a ler e escrever, por

exemplo se o produtor consegue ler e assinar para assinar as promissórias já basta, tinha essa visão. Aí vem a desvalorização, por exemplo os meninos da escola rural não tinha nada, já na escola urbana tem tudo, então para onde os pais levam os filhos, para a cidade, já que na região rural não tem nada, agora que tem uma tendência de voltar, porque por exemplo, como todos foram para a cidade, as escolas rurais começaram a fechar e o produtor rural? Aí começou a faltar, o produto caro, por exemplo o preço do tomate, que está muito alto, porque está faltando produtor rural, o que mexe na economia do país, quem sabe não voltam devido a crise e desemprego e as fábricas mandando embora. Tivemos até algumas novas matrículas que pode ser consequência disso, mas também pelo trabalho que vem sendo realizado, pois a escola tem um grupo de profissionais muito capacitados, tudo o que a diretora fala, os professores abraçam a causa, e nosso trabalho está sendo elogiado e reconhecido.

Patrícia: Você conhece o debate da Educação do Campo? Como conheceu? Você considera que a escola está inserida nas concepções da Educação do Campo?

Supervisor: A educação do Campo surge quando as políticas acordaram para ela, porque começou a todo mundo abandonar o campo, produtores rurais começaram a ir para a cidade procurando emprego, todos estavam saindo do campo e indo para as cidades para trabalhar em lojas, indústrias e confecções, as vezes até escravizados muitas vezes porque saem daqui sem ter um estudo devido. O debate da educação do campo vem para mudar essa realidade, e veio para mostrar a importância de manter o produtor rural no campo, até algumas ações do estado por exemplo a merenda escolar, que tem que ser comprada uma porcentagem do produtor rural, como incentivo.

Patrícia: E aqui vocês compram a merenda do produtor rural?

Supervisor: Sim, nós compramos pela EMATER, que é representada por uma pessoa da cidade de Piraúba que nos fornece 30% do valor, não sei se é

exato, mas tem uma porcentagem da merenda escolar que precisa ser comprada do produtor rural, é uma forma que o Estado viu de incentivar o produtor rural a continuar, porque obrigando todas as escolas a comprar, iria precisar do produtor rural. Como eram poucos produtores rurais começou a faltar, então começou a trazer ele de volta para o campo e com isso ele viu a oportunidade de produzir e vender para ter a sua renda, essa foi uma das formas que o estado fez para resgatar esses produtores rurais. A legislação própria fala sobre a educação do campo, LDB também fala, e comecei a saber quando vim trabalhar na escola rural e através da legislação, acredito que a escola esta inserida nas concepções da educação do campo, porque vou citar o exemplo de dois alunos, muitos deles ainda tem a mentalidade de que não vão dar continuidade aos estudos para poderem trabalhar, vão para rua trabalhar indo para fabricas, empresas, oficinas e confecções e abandonam o campo. Quando eu cheguei na escola, nos dois primeiros anos, nós não tivemos alunos que fizessem o nono ano e fossem profissionalizar no ensino profissional. No ano passado , no primeiro ano de trabalho da atual direção e supervisão juntos, tivemos dois alunos que já se inseriram no ensino profissional voltado para a educação do campo. Porque conseguimos mostrar

para eles que existia uma possibilidade e que o leque é muito amplo, basta que eles tenham conhecimento. Nós pegamos os alunos e levamos para o IFET, que é mais próximo para eles conhecerem a realidade e ver o que eles poderiam fazer lá, que iam poder trazer como experiências e colocar em pratica na escola e na casa deles. Ano passado tivemos a grande surpresa, que dois alunos ficaram no 1º lugar e 7º lugar no ifet em cursos distintos, é uma classificação muito boa que coroa o trabalho dos professores, e que mostra que nosso trabalho está sendo bem feito. Está enquadrado na concepção da educação do campo porque começamos a mostrar para eles que há outras possibilidades e não é necessário abandonar aqui, estou falando de um e dois alunos mas numa turma de 9 alunos, a turma é pequena, então se de 9 alunos, 2 seguem o ensino profissional já é uma vantagem, tirando os que seguem o ensino médio, deram continuidade, o que antes também não acontecia. Muitos deles paravam no 9º ano ou para trabalhar com os pais, outros até pra casar, então vejo que nossa escola está enquadrada nessa concepção, pois temos conseguido alcançar nossos objetivos.

Patrícia: Os professores conhecem a Educação do Campo? Na sua visão eles a compreendem?

Supervisor: Os professores começaram a entender sobre a educação do campo, começaram a comprar a nossa ideia, então acho que hoje eles compreendem e estão sabendo do nosso objetivo.

Patrícia: Que tipo de formações e capacitação os professores e você participam? Eles têm relação com a Educação do Campo?

Supervisor: Os professores já tiveram mais suporte, porem com a crise houve muitos cortes de local para ficar etc. Mas já tivemos capacitação para os professores de língua portuguesa e matemática, era o que tivemos, mas nenhuma delas foi voltada para o campo, foram as mesmas que teve nas cidades, não tinha uma diferença entre elas. E outra coisa que é importante de falar, que as vezes ela não teve diferença porque por exemplo não foi falado nada para adequar a proposta para a escola do campo. Agente consegue fazer a análise depois, em nossas reuniões, que é o antigo módulo dois, hoje é chamado de reunião pedagógica que fazemos de quinze em quinze dias com os professores. Aí

quando terminávamos uma capacitação agente sentava para analisar o material que eles davam, a palestra, e adequava a nossa realidade, mas essa era uma análise nossa, agente nunca teve proposta voltada para a escola do campo. Por exemplo uma ação que será feita para determinado lugar, como nas escolas da cidade que discutem umas com as outras sobre suas propostas, discutem e levam para as suas escolas algumas coisas melhores, no nosso caso nunca tivemos oportunidade de sentar com outros diretores e supervisores para fazer essas discussões, de poder ver qual a ação que outra escola rural faz que é bem sucedida e passar também as nossas propostas, para compartilhar. Pelo contrário, já teve vezes que escolas da cidade levarem a nossa ideia, para as suas escolas, mas de compartilharmos as ideias com outras escolas rurais não temos. Dentro de três anos que eu estou aqui nunca tive, quem sabe algum dia né.

Patrícia: O currículo da escola contempla essas discussões da Educação do Campo?

Supervisor: O currículo da escola contempla a educação do campo. Porque nossa prática é voltada para a realidade dos alunos, tentemos relacionar os

conteúdos com o que eles veem em casa, com os hábitos. Porque aí agente vai fazer com que eles tenham o prazer de vir para a escola, se puderem fazer essa relação. Mas também damos muita importância para ampliar o leque deles para conhecer todas as realidades, pois o nosso currículo é voltado para a educação do campo o nosso é, mas temos por exemplo alguns projetos e trabalhos em sala, vimos que poucos deles vão sair daqui o máximo que eles foram é em Rio Pomba porque a escola levou ou em Piraúba que é mas perto, onde vão no banco ou no mercado. Então fizemos um projeto que chama Saral Imperial, que é uma parceria que fizemos com o museu de Petrópolis, para levar os nossos alunos com entrada gratuita para conhecer o museu, nossa preocupação de levar eles para conhecer outras realidades, dentre elas o museu do Santos Dumont, o museu de vidro e a cidade. Na primeira parada para fazer lanche e ir no banheiro reparamos que os meninos estavam acanhados, aí assim que eu desci os meninos me acompanharam para ir no banheiro e ficaram parados para ver o que eu ia fazer, para lavar as mãos eles esperavam para ver como eu ia lavar as mãos porque é tudo automatizado, tudo com sensores, quando eu lavava eles iam lavavam. Essa preocupação também existe fazer esse balanço que

eles conheçam além do campo outras realidades de forma harmônica, na lanchonete foi engraçado, porque eles ficaram esperando para ver o que agente ia comer, aí peguei um deles e perguntei o que queria ele quis um misto e suco aí falei para ele tem que pedir a moça, que vai fazer para você vai te dar a comanda e depois você vai pagar. Mas ele continuou parado e me perguntou o que é comanda, aí eu falei nossa a importância da escola é muito maior do que agente acha, agente pensou vamos sair daqui participar de um projeto no museu, na casa de Santos Dumont se restringe a isso, mas é muito maior do que agente programa e essa é a proposta do nosso currículo de tentar enriquecer o aprendizado deles. Tenho certeza que se perguntar para qualquer um deles, eles nunca vão esquecer essa viagem, pois puderam ver na prática as outras realidades. Eles viram e puderam participar de toda a aprendizagem deles, desde a primeira parada, que aconteceu isso tudo, imagina até chegar lá o que aconteceu nessa viagem, então o nosso currículo é abrangente. A dimensão que alcançamos é muito grande e com isso vemos a importância da escola. Marcou a vida deles para o resto da vida. Quando chegamos, o professor de história deu continuidade da matéria

contextualizando o que viram na viagem. E aí eles já estão cobrando esse ano de novo.

Patrícia: Todas as escolas fazem esse projeto?

Supervisor: Não, cabe a cada escola fazer parceria com esse museu, por exemplo, nós adaptamos a viagem com a nossa realidade, analisamos outras viagens também, mas pela distancia, entrada no museu, era de acordo com as possibilidades, pois não podemos pedir ao aluno para levar dez reais porque sabemos que ele não tem, eles passam por dificuldade, muitos a merenda da escola é a principal refeição que eles tem, então não posso cobrar dez reais para viajar. Então tentamos colocar o custo zero para eles e analisamos aonde será possível ir, nem conheço outra escola que tenha feito esse trajeto, pois o nosso foi feito para agente, de acordo com nossas possibilidades, se entrar no site do museu saral imperial tem vários projetos que você pode adequar naquilo que a escola quer ou pode. Então o currículo contempla as discussões da educação do campo, mas não somente. Agente tenta que o conhecimento rico e aprendizado de verdade aconteça dessa forma.

Patrícia: Quais as dificuldades que você mais observa na Escola do Campo?

Supervisor: Pelo fato dos pais trabalhar o dia todo não ter tempo de acompanhar o filho, eu vejo que é uma das grandes dificuldades, não podemos nem culpar, porque a escola do campo tem suas características e eles não vão para de trabalhar porque a escola quer não, então acho que é muito precário essa participação dos pais. Tem outros específicos, o transporte escolar é uma dificuldade que quando chove a van não passa se chover muito, prejudica que eles não conseguem vir. Os professores ajudam dando os trabalhos depois mas e quando falta metade da turma devido a chuva forte, as vezes cai uma árvore no meio da estrada, impedindo a van de passar.

Patrícia: Mas os alunos moram longe daqui?

Supervisor: Tem alunos que são vizinhos aqui, mas tem uns que moram bem longe e a comunicação, pois nossa escola agora que foi ter um celular, só pega em um lugar, mas como vamos avisar os pais se a criança passou mal, não temos como medicar, nosso posto de saúde está fechado. Nossa alternativa é levar

o aluno em casa e se não tem nenhum profissional com carro na escola vira uma bola de neve.

Patrícia: E isso já aconteceu?

Supervisor: Aconteceu no ano passado e nós não estávamos presente , inclusive quem estava dando aula era uma professora eventual. Porque eu e a professora estava participando de um congresso, apresentando o trabalho que foi selecionado em Belo Horizonte, a diretora estava na superintendência, e ligou falando que uma menina começou a passar muito mal, tinha dado convulsão, estava fora de si. Teve que ligar para um vizinho, para entrar em contato com outro que tem carro, para pedir para levar no hospital e ligar para a família avisando, imagina como foi o corre corre na escola toda, então esse suporte nós não temos. Estamos fazendo uma ficha em que eles levam para as casas preenchem e traz para gente com nome dos pais, telefone se tiver, se não põe do vizinho, endereço e é pra tentar amenizar não falo que vai resolver. Já ficamos sem internet e fica incomunicável aqui, já aconteceu de não respondermos e-mail da superintendência porque não teve como responder, agora que a diretora conseguiu resolver a internet suando, o telefone

também, aos poucos que é tudo gradativo. Essas são algumas dificuldades.

Patrícia: Quais os projetos que a escola tem desenvolvido? O que você sente necessidade em desenvolver na escola de interessante na sua opinião que ainda falta?

Supervisor: Tem outros projetos que são feitos o ano todo, que é o nosso projeto de intervenção pedagógica, de leitura, em que a professora conta história e usa a biblioteca, pede os alunos para desenhar sobre a história, esse é realizado com os alunos menores do primeiro e segundo ano, e dá interpretação para eles, na matéria de português. Alguns acontecem por datas comemorativas que entra em nosso PPP, como folclore, dia das mães, esses projetos não param, eles geralmente todo ano temos eles, tem a feira cultural que será em dezembro, feira literária, faz ao longo do ano de acordo com as necessidades que vamos vendo.

Temos uma proposta, que a diretora está correndo atrás da reforma da quadra para fazer educação física, mas também outras atividades, pois ela oferece mil possibilidades pedagógicas que as vezes não nos possibilita do jeito que está. Já mandamos

documento para ver se conseguimos verba, se não conseguir estamos pensando em fazer com a ajuda de toda a comunidade e professores para correr atrás de doações para conseguir fazer a reforma da quadra, com ajuda comunitária de pais, parentes, vizinhos. Queremos fazer uma ação que todos possam participar e eles sintam o orgulho de saber que contribuíram com a escola, essa é uma das ações que vejo que falta uma ação que mobilize todos em prol da escola, mas agente aguarda e temos a esperança de que agente consiga sem ser dessa forma, que o estado veja que e é necessário fazer isso pelos nossos alunos.

ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA DE CIÊNCIAS NO DIA 18/08/2015

Instituição: Escola Estadual Aurélio Bento Salgado

Patrícia: Fale um pouco da sua formação.

Professora de ciências: Eu me formei em Cataguases, ciências com habilitação em matemática. Apesar de ter dado algumas aulas de matemática, mas quando veio o concurso eu fiz para ciências, eu me interessei mais por ciências e o segundo concurso também foi ciências. Passei nos dois concursos e gosto de trabalhar com ciências. Já fiz alguns cursos de reciclagem há alguns anos.

Patrícia: Há quanto tempo você leciona na escola?

Professora de ciências: Nessa escola leciono há dois anos, mas já trabalhei aqui 2000, 2001 e 2002, 3 anos. E agora voltei em 2013 para aqui. Mas no total eu já tenho 29 anos de magistério. Já aposentei em um cargo e agora só estou nesta escola aqui. Estou feliz, porque eu gosto de trabalhar aqui. Vim de Guarani para aqui.

Patrícia: Em quantas turmas você dá aula? Quais?

Professora de ciências: Dou aula em 4 turmas: 6º, 7º, 8º e 9º.

Patrícia: Você acredita que os alunos de uma escola do campo possuem saberes (vinculados a natureza, vida, trabalho e cultura) que podem ser explorados na escola?

Professora de ciências: Eu acredito com certeza que os alunos do campo possuem saberes vinculados a escola.

Patrícia: Nas suas aulas de ciências esses saberes vem a tona?

Professora de ciências: Sim em minhas aulas esses saberes vem a tona. Você lembra que na aula do 6º ano, tivemos uma aula sobre o solo e eles fizeram um mural falando do que eles veem no dia-dia deles, como as queimadas, os córregos que muitas vezes próximo há uma mata perto. Depois fizemos dos alimentos que muitas vezes eles com os pais colhem. Então acho que sempre está relacionado. As vezes determinado assunto foge um pouco, igual tabela

periódica no 9º ano, foge um pouco, mas eles precisam saber também porque muitos vão estudar fora. Aí falamos de alguns elementos da lavoura que estão presentes na tabela.

Patrícia: Você acha que seus alunos apresentam dificuldades na disciplina de ciências? Que tipo de dificuldade é mais comum entre os alunos? Por quê? O que você faz para tentar ajuda-los.

Professora de ciências: A escola aqui é menor, pequena, não é uma escola igual por exemplo Guarani, que eu trabalhava lá com 35 alunos em sala de aula, as vezes ficava 10 alunos de recuperação aí eu tentava de tudo para recuperar. Aqui por ser menos alunos agente tem quase que um trabalho individual por exemplo 14 ou 16 alunos dentro da sala. Eu tive alguns alunos que encontraram dificuldade por exemplo o Gabriel eu lembro que no 1º bimestre ele mudou para São Paulo ficou lá uns 15 dias só depois voltou e falou que não conseguiu estudar lá direito ai fez uma prova e tirou nota baixa, já no segundo bimestre eu fui em cima dele, até mostrei para o supervisor da escola, ele tirou nota máxima em uma avaliação. Então agente nota como a sala é menor os alunos tem uma atenção especial

dos professores de modo geral. Eu procuro dar uma atenção individual, se eu vejo que o aluno tem mais dificuldade, dou uma atenção quase que específica para aquele aluno para que ele não saia no prejuízo. Eu noto que no geral os alunos tem dificuldade de interpretar o que está escrito, eles leem e não consegue interpretar o que esta pedindo. E olha que eu trabalho essas questões com exercícios porque depois vem uma prova do Estado, são questões que o aluno tem que raciocinar. Eu vejo que alguns alunos tem dificuldade para interpretar o que está pedindo.

Patrícia: Qual a importância de ensinar ciências para os alunos?

Professora de ciências: São muitas coisas, porque a ciências está na vida deles , no dia-a-dia. Então eles tem que saber o que está acontecendo no seu dia-a-dia. Igual no 7º ano que estamos estudando sobre os vários reinos, terminei o animal, reino planta e agora e alguns não conheciam certas plantas e eu falei gente está aqui em volta de vocês, vocês tem que saber. Me falaram professora mas não sabia que isso aqui era uma planta, os musgos, que dão no tronco das árvores principalmente em lugares úmidos. Eles não sabiam que era um vegetal, pensam que era

vegetal somente aquela árvore imensa. Igual eu falei a ciências está na vida deles, por exemplo você vai estudar o corpo humano, é a sua vida, é o seu interior. Acho que isso tudo é uma motivação. Estudar ciências você fica motivado só de conhecer o conteúdo.

Patrícia: Existe algum conteúdo de ciências que é mais atrativo para os alunos? Como você observou isso?

Professora de ciências: No 9º ano eu pude observar que no ano passado o conteúdo do corpo humano eu acho que eles se interessaram mais, igual agora estou dando química para eles, eles precisam saber bem a matemática, então eu noto que alguns por não gostar de matemática tem dificuldade em uma conta, erra coisa na hora de distribuir um elétron. Pude perceber que o corpo humano chamou mais atenção deles.

Patrícia: Você conjuga aulas teóricas com aulas práticas? Que tipo de aulas práticas você oferece, por exemplo? Quais as habilidades são desenvolvidas nessas aulas? Você acredita que as aulas práticas trazem aspectos positivos para a

aprendizagem dos alunos? Há laboratório na escola para você ministrar aulas práticas?

Professora de ciências: Sempre que eu posso eu gosto de fazer uma experiência, apesar de na escola não ter um laboratório eu improviso, eu levo para a sala de aula, ainda mais com turmas menores, sempre eu gosto de intercalar a teoria com a prática. Igual no 6º ano terminamos de estudar o solo aí vem os alimentos que são vindos do solo, e depois quando terminei esse conteúdo cada aluno trouxe um tipo de alimento para agente ver o nutriente que esse alimento possuía. Ao perguntar sobre as habilidades que o aluno precisa desenvolver a professora pensou um pouco, perguntou se tinha que olhar no diário. E depois respondeu: entender o nutriente do alimento no caso do 6 ano. Ela disse que no diário as habilidades sempre começam com um verbo, tem várias habilidades, por exemplo, dentro dos alimentos, dentro de tabela periódica o aluno ser capaz de saber consultar a tabela periódica, saber encontrar os elementos dentro da tabela periódica, essas são habilidades dentro do 9º ano. Com certeza as aulas práticas são positivas para a aprendizagem do aluno, porque ele vai poder assimilar o que estudou na aula teórica e vai ver que a prática ajuda

ele a ver a coisa mais de perto, mais concreta. Não tem laboratório, as aulas práticas são feitas dentro da sala de aula mesmo, as vezes com material de sucata, material que os alunos trazem e fazemos dentro da sala de aula mesmo.

Patrícia: Os alunos são participativos em suas aulas? Como você os motiva a participar?

Professora de ciências: .Eu acredito que eles são participativos, eu sempre falo que eu não gosto de estátua dentro da sala de aula, não gosto de aluno que atrapalha. Acho que o aluno tem que participar, tem que perguntar, tem que ser participativo. Claro que as vezes tem um ou dois que agente nota que não está interessado, mas que a maioria participa. A motivação pode ser através de uma experiência, as vezes eles fazem uma paródia sobre determinado conteúdo, aquele jogos dos sentidos, os sentidos humanos que eles fizeram uma historinha um livrinho. Eu acho que tem várias maneiras de motivar e mesmo as vezes passando algum vídeo onde eles podem ter uma visão melhor de determinado conteúdo, vídeo também ajuda muito.

Patrícia: Como você planeja suas aulas? Você utiliza o livro didático? Que outras fontes você utiliza para preparar suas aulas e trabalhar os conteúdos? Por quê?

Professora de ciências: O nosso livro didático não é 100%, quando nós fizemos a escolha nós vimos que ia ter que acrescentar várias coisas, eu sempre pego em outros livros, sempre digito e passo para eles uma parte extra que não tem no livro, eu sempre procuro fazer, porque eu acho que o livro não é excelente, mas quando nós escolhemos ele era um dos melhores, mas depois fomos vendo que fica bem a desejar, aí a gente sempre acrescenta.

Patrícia: Se eu te pedir para fazer uma avaliação dessa escola. Que aspectos positivos apontariam? E negativos?

Professora de ciências: Essa escola trago ela dentro do meu coração, gosto muito de trabalhar aqui, a direção, a supervisão, eles atendem agente no que eles podem, dentro do possível porque agente sabe que é uma escola de zona rural, que está precisando demais de uma reforma, o que seria esse ponto negativo. Precisa muito de uma reforma, mas nem

por isso pode deixar de trabalhar e exercer bem a sua profissão. A diretora fala que está para vir verba, mas não vem.

Patrícia: E sobre o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, quais são os avanços e os limites de seus alunos?

Professora de ciências: Como eu falei alguns tem o desenvolvimento lento sim, comentei com o supervisor que dois alunos que falam para não preocupar se ele tirar nota baixa, porque não vão continuar os estudos. Eu procuro dar uma atenção individual, fazer o máximo, mas a gente sabe que eles tem um pouco de dificuldade.

Patrícia: Você já lecionou em sala multiseriada? Como você avalia essa experiência?

Professora de ciências: Esse ano e o ano passado trabalhei em sala multiseriada. Esse ano o primeiro bimestre e o ano passado o terceiro e o quarto. Foi o 6º com o 7º, 8º separado e o 9º separado. Não foi o rendimento que eu esperava porque você passa uma atividade ou traz de casa um texto extra para o 6º ano e tem que dar atenção para o 7º, aí enquanto você

está dando atenção para o 7º, sem querer o aluno do 6º ao invés dele estar lendo o texto que você trouxe ele presta atenção nas perguntas que você está fazendo para o 7º ano. Então é um pouco complicado, consegui graças a Deus, mas não é fácil.

Patrícia: Para você, o que é educação do campo?

Professora de ciências: A educação do campo é uma educação que tem o contato com a natureza, contato com esses alunos que saem da escola e trabalham quando chegam em casa, ajudam os pais, é uma educação mais voltada para o manejo, o que eles poderiam levar de vantagem estudando lá pra sua área de trabalho.

Patrícia: O que é educação rural? Você vê diferenças entre educação do campo e educação rural? (Como? Em que sentido ou por quê?)

Professora de ciências: Eu acho que a educação do campo estaria muito voltada para a educação rural. Não vejo diferenças entre uma e outra.

Patrícia: Você acha que a escola se aproxima da concepção da Educação do Campo?

Professora de ciências: Eu acho que a escola aqui se aproxima da educação do campo, porque você tem que valorizar o que ele traz de casa, por exemplo experiência de plantar eucalipto, que alguns alunos tem.

Patrícia: Os pais do alunos trabalham no campo? E os alunos ajudam os pais?

Professora de ciências: Eles trabalham no campo, dois alunos até estavam até comentando sobre isso. E chamou atenção um aluno que falou que no futuro não queria ver mais queimadas. Eu saio por aí é o que eu vejo. Então quer dizer que eles trazem aqui pra gente muitas coisas que as vezes o aluno lá da cidade não tem essa visão. Eu acho que agente sempre aprende muito com eles. A maioria dos pais trabalham com o campo. Aqui nessa região tem muitos pais que plantam verduras, próximo a escola, depois da rodovia por exemplo tem berinjela, tomate, pepino. A maioria dos alunos quando saem da escola

vão regar esses vegetais, a maioria trabalha na lavoura do campo.

Patrícia: Você consegue perceber se os alunos desejem continuar no campo ou se querem sair?

Professora de ciências: No 9º ano a gente sempre pergunta se eles querem continuar no campo ou se querem ir para a cidade. Igual um aluno do 9º ano tem vontade de fazer zootecnia, que está relacionado. Tem vontade de fazer no ifet porque tem lá. Aí fala que tem que prestar muita atenção porque sabe que vai cair na prova no final do ano. Tenho que estudar porque sei que vai cair e depois vou comprar um sítio pra mim, meu pai tem um pedacinho de terra a toa, mas eu quero estudar muito para mim formar e aperfeiçoar.

Outros mechem com cavalo, aí eles falam professora não quero estudar mais quero mexer só com cavalo mesmo. Aí eu falo para eles pra não parar de estudar não. Outra aluna do 9º tem vontade de fazer biologia quer ser bióloga, a Maura. Comentei com ela para ela fazer em Ubá, que é próximo.

O Gabriel e o Bruno do 6º, não sei se é porque eles estão começando, eu noto que se fosse perguntar para eles hoje. Eles falam assim, professora plantei uma

goiaba hoje, é claro que meu pai estava me ajudando, mas eu sempre estou ali capinando e ele falou que está pensando em me dar metade do dinheiro pra eu comprar uma bicicleta, não sei se ele está só brincando, mas professora é bom a gente trabalhar que a gente tem sempre um dinheirinho. Sempre com a presença do pai, como uma motivação para o trabalho camponês.

Patrícia: Achei interessante o aluno falar que quer fazer zootecnia.

Professora de ciências: Conseguimos perceber no 8º e 9º anos. Alguns não falam, mas a medida que vai perguntando eles vão falando. Às vezes eles pensam em parar de estudar, eu falo para eles da importância de tirar o 9º ano e ir para o Ensino Médio. Alguns pararam no 9º e não foram para o segundo grau. Pelejamos mas não teve jeito.

Patrícia: A escola tem Ensino Médio?

Professora de ciências: A escola não tem ensino médio, mas a van busca eles em suas casas, tem uma parceria da prefeitura de Piraúba, onde a van pega

todos eles. Tem uns que moram longe, mas a condução vai até suas casas para buscar e levar.

Patrícia: Você acha que os alunos do ensino médio ficam desanimados por ter que ir para a escola na cidade?

Professora de ciências: Não acho que é um motivo de desânimo o fato de ter que ir para a escola da cidade pra fazer o ensino médio, porque a van pega em casa. Porque a todo momento agente luta para a escola não fechar. O ano passado estavam querendo fechar a escola, devido ao número de alunos ser pouco, mas depois a diretora fez um registro e levou para a secretaria de ensino e eles puderam ver que esta escola é muito importante para essa comunidade. E essa comunidade tem o maior número de pessoas na escola rural do município de Piraúba. Ia ser muito difícil os pais deixarem os filhos sem estudar. Aqui de manhã não teria como ter o médio, porque já tem do 1º ao 5º ano. A tarde funciona o 6º, 7º, 8º e 9º e um presinho. Então de manhã o número de salas não comportaria. E aqui é muito próximo a Piraúba, eu falo com eles que eles são privilegiados. Eu falo com eles que eu saí da zona rural com 18 anos e não tinha van que passava em frente a minha casa, as vezes

agente ia de bicicleta ou a pé mesmo e nem por isso eu desanimei. Terminei o 2º grau, fiz uma faculdade, fiz um pós. Eu falo com eles que eles tem tudo nas mãos.